

Carson McCullers  
A BALADA DO  
CAFÉ TRISTE



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**Carson McCullers**

**A Balada do  
Café Triste**

**Tradução de Gabriel do Nascimento**  
**Título original: The Ballad of the Sad Café**



É uma terra lúgubre. Pouco mais tem do que a fábrica de algodão, as casas de dois quartos onde vivem os operários, algumas árvores, a igreja com duas janelas de vitral e uma feia rua central que não chega aos cem metros de comprimento. Aos sábados, os caseiros das herdades vizinhas vão ali para fazer compras e dar um bocado à língua. Fora disso, é um lugar solitário, melancólico, como tudo o que fica longe e separado do mundo. A estação de comboios mais próxima é Society City; as carreiras de camionetas Greyhound and White utilizam a estrada de Forks Falls, a cerca de cinco quilómetros de distância. Invernos curtos e duros, Verões resplandecentes e de um calor atroz.

Quem for por aquela rua central numa tarde de Agosto não encontra absolutamente nada em que se ocupar. A casa principal, no coração da vila, está completamente rodeada por um tapume e de tal maneira inclinada para a direita que parece ir abater-se a cada instante. Trata-se de uma construção muito antiga. O seu aspecto estranho, arruinado, intriga-nos deveras; mas, de repente, compreendemos a razão: outrora uma parte da varanda fora pintada, assim como metade da parede, mas o trabalho não prosseguira - e, deste modo, aquilo ficou mais escuro e sujo de um lado do que do outro. O edifício dir-se-ia completamente desabitado. Há, contudo, uma janela do segundo andar que não está entaipada; às vezes, ao entardecer, quando o calor aperta, vê-se a mão de alguém abrir devagar o postigo e uma cabeça espreitar: rosto semelhante a essas faces sinistras e confusas que nos aparecem em sonhos, assexuadas e lívidas, de olhos que se envesgam um para o outro como se trocassem entre si segredos dolorosos. A pessoa demora-se à janela durante uma hora ou mais, depois torna a fechar o postigo, e é possível que não se descubra mais ninguém naquelas redondezas. Nessas tardes de Agosto, uma vez terminado o trabalho, não há mais nada que fazer; pode-se ir então a pé até à estrada de Forks Falls e ouvir o que dizem os condenados a trabalhos forçados.

Todavia, existiu em tempos, naquela vila, um café. A casa hoje condenada não se parecia já com nenhuma das que se erguiam numa área de muitas léguas. Lá dentro havia mesas com toalhas e guardanapos de papel, serpentinas coloridas presas aos ventiladores eléctricos, e, nas noites de sábado, grande quantidade de fregueses. A proprietária era Miss Amelia Evans. Mas o êxito e a alegria do local provinham de um concuda chamado primo Lymon. Outro indivíduo que representou papel na história do café foi o antigo marido de Miss Amelia, personagem terrível, que regressou à terra após longa prisão, provocou desastres e seguiu por fim o seu caminho. Há muito que o café está encerrado, mas ainda bastante gente o recorda.

Aquilo nem sempre fora um café. Miss Amelia herdara o prédio do pai. Era então armazém de géneros alimentares, guano e produtos básicos tais como farinha e rapé. Rica, pois, essa Miss melia. Fora o armazém, possuía uma destilaria nos pântanos, a cinco quilómetros de distância, onde fabricava o melhor álcool da região. Era uma mulher alta, morena, com ossos e músculos de homem; usava o cabelo curto, penteado para trás; no seu rosto trigueiro notava-se qualquer coisa de fixo, de abstracto. Poderia ter sido bela se não fosse um pouco estrábica. Pretendentes não lhe faltavam. Ela, porém, preferia a solidão, indiferente ao amor do sexo oposto. O casamento que contraiu foi diferente de todos os que se celebraram no país - estranho e perigoso

enlace, que durou apenas dez dias e deixou uma impressão de escândalo e surpresa. Excepto quanto a esse matrimónio extravagante, o resto da sua vida foi de criatura solitária. Chegava a passar noites inteiras no telheiro dos pântanos, vestida de fato-macaco e botas de borracha, a vigiar o lume brando do alambique.

Miss Amelia prosperava com tudo o que se pode fazer com as mãos. Para a terra vizinha vendia chouriços e salsichas. Nos dias bonitos de Outono moía sorgo, e o xarope que saía das suas dornas era dourado e aromático. Perita em carpintaria, construíra em quinze dias uma retrete atrás do armazém. Com os seus semelhantes é que ela não estava à vontade. As pessoas, a não ser que sejam pobres de espírito ou muito doentes, não podem ser agarradas com as mãos e transformadas de um dia para o outro em qualquer coisa mais valiosa e rentável. De forma que o único uso que delas podia fazer Miss Amelia era extrair-lhes dinheiro - no que se tornara exímia. Hipotecas sobre as colheitas e as propriedades, um engenho de serrar, uma conta de depósito no banco - tudo isto fazia dela a mulher mais rica num raio de muitos quilómetros. Podia ser tão rica como um deputado se não tivesse este grave defeito: a sua paixão pelas querelas judiciais. Por dá cá aquela palha envolvia-se num processo demorado e dispendioso. Dizia-se que se escorregasse na rua olhava instintivamente em volta para ver a quem instaurar uma acção. À parte isso, levava uma existência tranquila, e os seus dias não se diferenciavam uns dos outros. Com excepção do seu efémero casamento, nada aconteceu que alterasse esta regra de vida até à Primavera do ano em que Miss Amelia completou trinta anos.

Eram cerca de vinte e quatro horas, numa calma noite de Abril. O céu estava do tom azul dos lírios dos pântanos, e o luar era puro, brilhante. Naquela estação, as colheitas prometiam bastante, e os operários do engenho, durante as últimas semanas, haviam feito trabalho nocturno. Perto do riacho, o quadrilátero de tijolo da fábrica evidenciava-se na paisagem com as suas janelas iluminadas; ouvia-se o rumor surdo dos teares laborando. Era uma daquelas noites em que se gosta de ouvir ao longe, através dos campos sombrios, a lenta canção dum negro apaixonado. É também agradável ficar pacificamente com uma viola nas mãos, ou simplesmente estar sozinho e não pensar em nada. Não passava ninguém na rua, mas via-se luz no armazém de Miss Amelia; na varanda encontravam-se cinco pessoas. Uma delas era Stumpy MacPhail, um contramestre de face rubicunda e mãos delicadas e vermelhuscas. No degrau do topo repousavam dois rapazes de fato-macaco, os gémeos Rainey, ambos magros e indolentes, de cabelos muito claros e olhos verdes sonolentos. O outro homem, sentado no primeiro degrau, era Henry Macy, um personagem envergonhado e tímido, de maneiras delicadas e gestos nervosos. A própria Miss Amelia estava encostada à ombreira da porta, com os pés cruzados enfiados nas suas grossas botas de borracha, e desfazia os nós de uma corda que achara. Há muito tempo já que não falavam.

Um dos gémeos, que estava a olhar para a rua deserta, foi o primeiro a quebrar o silêncio.

- Vem aí qualquer coisa...

- Algum bezerro tresmalhado - opinou o irmão.

O vulto a que se referiam estava ainda tão distante que mal se podia definir. O luar projectava nos cantos da rua a sombra incerta das árvores que a ladeavam.No ar, o perfume das flores e da erva viçosa misturava-se ao cheiro quente e azedo da lagoa próxima.

- Ou um namorado - rectificou Stumpy MacPhail.

Miss Amelia observou a rua em silêncio.

Largara a sua corda e passava agora os dedos

ossudos e tismados pelas alças do fato-macaco.

Enrugou a testa e tombou-lhe para a frente uma mecha de cabelo escuro.Enquanto se conservavam todos na expectativa, o cão de uma das casas da rua iniciou um uivo selvagem e rouco que se prolongou até que uma voz gritou e o fez calar-se. Só quando o vulto se aproximou mais, ficando abrangido pela faixa de luz da varanda, é que perceberam afinal do que se tratava.

Era um desconhecido, e raramente um desconhecido entrava na vila a pé àquela hora.

Além disso, o homem era corcunda. Tinha pouco mais de um metro e vinte de altura e vestia um sobretudo poeirento e esgarçado que mal lhe cobria os joelhos. As suas perninhas arqueadas pareciam demasiado magras para suportarem o peso do largo peito deformado e da bossa que se destacava entre os ombros. Tinha uma cabeça volumosa, com olhos azuis encovados e boca pequena de lábios finos. O seu rosto revelava ao mesmo tempo doçura e insolência: naquele momento, a pele pálida estava amarelada pelo pó da estrada, que também lhe aprofundava as olheiras. Trazia uma mala velha e toda torta, atada com uma corda.

- Boa noite - disse, ofegante, o recém-chegado.

Miss Amelia e os homens que estavam na varanda não responderam à sua saudação nem falaram. Limitaram-se a olhar para ele.

- Procuo Miss Amelia Evans - acrescentou.

Miss Amelia afastou o cabelo da testa e ergueu o queixo.

- Porquê?

- Porque sou parente dela - redarguiu o corcunda.

Os gémeos e Stumpy MacPhail levantaram os olhos para a dona da casa.

- Sou eu - declarou ela. - Que entende por "parente"?

- É que...

O homenzinho parecia sentir-se pouco à vontade, como se estivesse prestes a chorar. Pousou a mala no primeiro degrau, mas não retirou a mão da pega.

- A minha mãe chamava-se Fanny Jesup e era natural de Gheehaw, de onde saiu há cerca de trinta anos, quando se casou pela primeira vez. Lembro-me de a ouvir dizer que tinha uma meia-irmã chamada Martha, que depois me informaram, em Gheehaw, ser a sua mãe, Miss Amelia.

Com a cabeça ligeiramente inclinada, Miss Amelia ia escutando. Aos domingos jantava sozinha. Não recebia parentes, pois ninguém invocava laços de família com a sua pessoa. Tivera uma tia que possuía uma cocheira em Gheehaw mas que já havia falecido. Existia ainda uma prima afastada que vivia numa terra a cerca de trinta quilómetros dali; contudo, as duas não se davam bem, e, se acontecia cruzarem-se na rua, cada qual cuspiam para o seu lado. Outras pessoas haviam tentado de tempos a tempos, descobrir qualquer género de parentesco com Miss Amelia, mas sem qualquer êxito.

O corcunda enveredou por um discurso interminável e confuso, mencionando nomes de pessoas e lugares que os ouvintes desconheciam por completo e que pareciam nada ter a ver com o assunto.

- Portanto - concluiu -, Fanny e Martha Jesup eram meias-irmãs. Eu sou filho do terceiro casamento de Fanny. Por isso nós somos...

Curvou-se e começou a abrir a mala. Tremiam-lhe as mãos, semelhantes às garras cheias de terra de uma ave. A dita mala estava repleta de porcarias: andrajos, roupas desirmanadas e objectos sem utilidade definida. O corcunda vasculhou por entre este lixo e exibiu uma fotografia antiga.

- Cá está o retrato da minha mãe e da sua meia-irmã.

Miss Amelia continuava muda. Movia lentamente o queixo de um lado para o outro, e bem se podia adivinhar quais eram os seus pensamentos. Stumpy MacPhail pegou na fotografia e aproximou-a da luz. Era uma fotografia de duas crianças pálidas e franzinas, com cerca de dois e três anos de idade, As caras estavam manchadas e desvanecidas.

Podia ter feito parte do álbum de fotografias de uma pessoa qualquer.

Stumpy MacPhail devolveu-a sem comentários. Depois perguntou:

- De onde é que vem?

- Ando em viagem - respondeu o corcunda, com uma voz não muito firme.

Miss Amelia continuou em silêncio. Mantinha-se encostada à ombreira da porta, olhando de cima para baixo para o corcunda. Henry Macy piscava nervosamente os olhos e esfregava as mãos; depois, calmamente, levantou-se e desapareceu. Como tinha uma boa alma, comovera-se com a



situação do corcunda e não quisera ficar para ver Miss Amelia expulsá-lo da sua propriedade e da vila. O corcunda permanecia de pé, com a mala aberta sobre o degrau; fungou, e os lábios tremeram-lhe. Talvez começasse a compenetrar-se da sua triste aventura; talvez compreendesse como era doloroso ser um desconhecido numa terra estranha, com uma mala cheia de tralha e reclamando laços de parentesco com Miss Amelia. Fosse como fosse, deixou-se cair nos degraus e começou repentinamente a chorar.

Não era uma coisa vulgar um corcunda aparecer à meia-noite no armazém e depois sentar-se e desatar em pranto. Miss Amelia tornou a sacudir o cabelo da testa. Os homens entreolharam-se embaraçados. Em volta, a vila estava muito calma.

Por fim, um dos gémeos disse:

- Macacos me mordam se não é mesmo um Morris Finestein!

Todos concordaram, porque este nome tinha para eles um sentido especial. Mas o corcunda chorava cada vez mais, visto não saber de que é que os outros falavam. Morris Finestein vivera ali há muitos anos atrás. Era um judeu esperto, que se desfazia em lágrimas quando o apodavam de assassino de Cristo e comia diariamente pão ázimo e salmão de lata. Acontecera-lhe uma desgraça e retirara-se para Society Gity. Desde então, quando alguém revelava extrema sensibilidade, ou começava a chorar, comparavam-no logo a Morris Finestein.

- Seja como for, há qualquer coisa que o aflige - observou Stumpy MacPhail.

Miss Amelia atravessou a varanda com passos vagarosos, desceu a escada e ficou a olhar com ar pensativo para o desconhecido. Cautelosamente, com um dedo, tocou-lhe na marreca. O corcunda ainda chorava, mas começava a acalmar-se. A noite estava silenciosa, e a Lua brilhava com uma claridade suave e pura, mas fria. Miss Amelia fez então uma coisa extraordinária: tirou da algibeira um frasco, limpou o gargalo com a palma da mão e convidou o corcunda a beber. Era raro ela vender a crédito o produto das suas destilações, quanto mais oferecer!

- Beba - aconselhou. - Isto há-de fazer-lhe bem.

O corcunda calou-se, lambeu as lágrimas que lhe escorriam para a boca e obedeceu à recomendação. Em seguida, Miss Amelia também bebeu, tendo previamente bochechado com o álcool. Os gémeos e o contramestre possuíam a sua própria garrafa, que haviam comprado.

- Isto suaviza a garganta - declarou Stumpy MacPhail. - Miss Amelia sai-se sempre bem com o que faz.

O uísque que beberam nessa noite (duas garrafas grandes) tem algo que se lhe diga. Caso contrário, seria difícil a explicação do que se segue. Talvez sem ele nunca tivesse existido o café. O uísque de Miss Amelia é qualquer coisa de especial; é puro e vivo na língua, mas quando desce parece iluminar o organismo. Mas ainda há mais. Sabe-se que uma carta escrita com sumo de

limão fica invisível; no entanto, aproximando o papel do lume, as letras aparecem nítidas. Suponhamos que esse uísque é o fogo e que a mensagem é o que, em segredo, se grava na alma de um homem: assim já se compreende o uísque de Miss Amelia. Factos que passavam despercebidos, pensamentos que eram recalçados no espírito são subitamente revelados e entendidos. Um tecelão só se preocupa com o seu tear, o seu salário, a sua cama, e outra vez o tear: ora ele pode beber, num domingo, um pouco de uísque e descobrir um lírio no pântano. E na palma da mão será capaz de examinar a flor, a sua delicadeza, a sua cor preciosa, sentindo ao mesmo tempo uma doçura tão aguda como o sofrimento. Levantará os olhos para ver pela primeira vez a fria e sinistra luminosidade do céu de Janeiro à meia-noite, e o receio da sua própria pequenez deter-lhe-á as palpitações do coração. Eis o que sucedia a quem bebesse o uísque de Miss Amelia. Podia sofrer ou estar esgotado de alegria, mas o que sentia equivalia à verdade; a alma aquecia-se-lhe: lera a mensagem que estava nele dissimulada.

Passou-se a meia-noite e eles ainda bebiam. A Lua cobrira-se de nuvens, e a noite tornara-se fria e escura. O corcunda continuava sentado no primeiro degrau, com um ar infeliz, de cabeça apoiada nos joelhos. Miss Amelia, de pé, tinha as mãos nos bolsos e apoiava uma bota no segundo degrau da escada. Havia muito tempo que estava calada. O rosto dela apresentava a expressão que se vê nas pessoas levemente estrábicas quando se absorvem em pensamentos profundos: um ar que parece ao mesmo tempo muito sensato e muito louco. Até que disse:

- Ainda não sei o seu nome.

- Chamo-me Lymon Willis - respondeu o corcunda.

- Entre. Ainda ficou alguma coisa da ceia no fogão. Pode comer.

Raras vezes na sua vida convidara Miss Amelia fosse quem fosse para partilhar das suas refeições, a não ser por brincadeira ou com alguma ideia de lucro. Por isso, os que ali estavam sentiram que havia algo de anormal na situação. Mais tarde disseram entre si que ela devia ter estado grande parte da tarde a beber, no seu alpendre dos pântanos. O caso é que deixou a varanda, e Stumpy MacPhail e os gémeos foram-se embora. Miss Amelia abriu o ferrolho do armazém e olhou em volta para se certificar de que as mercadorias estavam em ordem. O corcunda seguiu-a, arrastando a mala, fungando e limpando o nariz com a manga do sobretudo sujo.

- Sente-se. Vou-lhe aquecer a ceia.

Cearam regaladamente. Miss Amelia era rica e não se privava de nada. Houve galinha passada na frigideira, puré de nabos, legumes vários e batatas-doces. A dona da casa comeu lentamente, saboreando tudo. Pousava os cotovelos na mesa e inclinava-se sobre o prato, com as pernas muito afastadas e os pés nas travessas da cadeira. Quanto ao corcunda, devorava tudo como se estivesse há meses em jejum. Em certa ocasião desceu-lhe uma lágrima pela face poeirenta, mas foi uma lágrima pequenina, sem significado especial. O candeeiro de cima da mesa, de torcida bem saída, desenhava em volta um círculo azulado e projectava na cozinha uma

clareza alegre. Terminada a refeição, Miss Amelia, com uma fatia de pão, limpou cuidadosamente o prato e encheu-o de uísque da sua lavra, puro e espesso. O corcunda também limpou o seu prato com uma fatia de pão; todavia, mais esquisito, reclamou outro prato, lavado. No fim de tudo, Miss Amelia recostou-se na cadeira e, cerrando o punho, tacteou a dureza do bicipite sob a manga da camisa de algodão azul - hábito inveterado, sempre no termo das refeições. Depois pegou no candeeiro e fez com a cabeça um gesto na direcção da escada como a convidar o primo a segui-la.

Por cima do armazém havia três quartos, onde ela vivera toda a sua existência: dois de dormir e outro, espécie de sala, que os separava. Poucas pessoas tinham aí penetrado, mas sabia-se que estavam limpos e bem mobilados. E eis que Miss Amelia conduzia para esse retiro um corcunda sem eira nem beira! Subiu devagar, de dois em dois degraus, segurando alto o candeeiro. O homenzinho ia tanto no seu encaço que a luz oscilante formava na parede apenas uma única sombra muito unida. E não tardou que esses aposentos caíssem na mesma escuridão que envolvia toda a vila.

A manhã seguinte veio serena, com uma aurora de púrpura ardente e cor-de-rosa. Nos campos que rodeavam a vila estendiam-se os sulcos novamente abertos, e os trabalhadores começavam a transplantar os pezinhos verdes e tenros do tabaco. Voavam corvos, projectando na terra sombras rápidas e azuladas. As pessoas saíam das suas casas com o farnel na mão, e as janelas do moinho já se douravam de sol. O ar corria fresco; os pessegueiros ostentavam a sua floração, tão leve como as nuvens de Março.

Como de costume, Miss Amelia levantou-se ao romper da aurora. Lavou a cara na torneira do poço e depressa recomeçou nos seus trabalhos. Mais tarde selou a mula para ir ver a sua plantação de algodoeiros, situada perto da estrada de Forks Falls. Claro que, ao meio-dia, já ninguém ignorava que chegara ao armazém, na meia-noite da véspera, um indivíduo corcunda; mas a vila ainda não o conhecia. Com o decorrer das horas, o calor aumentou, o céu tornou-se azul resplandecente. Mas a estranha personagem ainda não aparecera. Houve quem se lembrasse de que a mãe de Miss Amelia tivera uma meia-irmã, mas as opiniões dividiam-se quanto ao seu destino: morrerá ou fora raptada por um operário da indústria do tabaco? No que tocava às pretensões do corcunda, todos concordavam de que eram pura fantasia. A vila inteira supôs, conhecendo bem Miss Amelia, que ela o mandara embora depois de lhe haver dado de cear. Contudo, ao anoitecer, quando o céu empalidecia e os trabalhos cessavam, veio uma mulher declarar ter visto uma cara disforme à janela de um dos quartos do armazém. Miss Amelia calava-se. Ocupou-se dos seus negócios, discutiu uma hora com um lavrador acerca duma charrua, consertou a grade do galinheiro, fechou o estabelecimento, ao pôr do Sol, e subiu para os seus aposentos. Havia boatos desencontrados e era enorme a expectativa.

No dia seguinte, Miss Amelia não abriu a loja. Conservou-se em casa, sem aparecer a ninguém. Espalhou-se então uma história terrível, que assombrou a região. Pusera-a a circular um tecelão chamado Merlie Ryan, homem pobre, macambúzio, vagaroso e desdentado, que sofria de sezões, com febres terças. Andava periodicamente irritado, mas ao terceiro dia melhorava e

vinha-lhe à cabeça qualquer ideia disparatada, que punha a correr. Foi assim que declarou:

- Sei muito bem o que fez Miss Amelia. Assassinou o homem para se apoderar do que ele guardava na mala.

Disse isto com voz calma; como se estabelecesse um facto. Dentro de uma hora, a notícia percorrera a vila de lés a lés. Foi um enredo tenebroso o que logo se teceu nesse dia, com todos os elementos que causam arrepios e enregelam o coração: o corcunda, o enterro à meia-noite nos pântanos, a antevisão da criminosa arrastada à cadeia, as discussões sobre o destino dos seus haveres, tudo isto repetido em voz baixa e acrescentado com novos e horríveis pormenores. Choveu, mas as mulheres esqueceram-se de recolher a roupa que tinham a secar. Dois ou três sujeitos, decerto devedores de Miss Amelia, envergaram o fato domingueiro, como se fosse dia de festa. A população concentrava-se na rua central, conversando e espiando o armazém.

Seria falso afirmar que a vila inteira participava desta maledicência. Algumas pessoas razoáveis pensavam que Miss Amelia, sendo rica, não ia matar um vagabundo para o despojar de meia dúzia de insignificâncias. Havia mesmo três criaturas bondosas que repudiavam em princípio a hipótese do crime; não sentiam prazer nenhum em ver Miss Amelia conduzida através das ruas sob custódia para entrar na penitenciária e ser electrocutada em Atlanta. Esta gente sensata fazia dela um conceito diferente do resto da população. Quando surge alguém assim original em muitos aspectos, a quem se atribuem tantos pecados que chega a ser impossível relacioná-los, justo é que se lhe aplique um julgamento diverso. Lembravam-se de que Miss Amelia nascera trigueira, com uma cara um tanto esquisita; que fora educada, órfã de mãe, por um pai que vivia sozinho; que depressa atingira a altura de um metro e oitenta e oito, o que não é natural numa mulher; e que, enfim, os seus hábitos e costumes saíam fora do normal.

Primeiro que tudo, recordavam-se do seu enigmáticocasamento, o maior escândalo no campo da extravagância jamais acontecido naquela terra.

De modo que estas criaturas justas se apiedavam de Miss Amelia. E, quando a viam embrenhar-se numa empresa disparatada, ou retirar duma casa a máquina de costura, para pagamento de qualquer dívida, ou insistir numa demanda judicial, elas experimentavam um sentimento de desespero, sim, mas também, no íntimo, de profunda compaixão. Deixemos, porém, esses indivíduos misericordiosos, que eram só três; o resto dos habitantes divertia-se à grande com esse crime imaginário.

Fosse porque fosse, Miss Amelia parecia alheia ao que se passava. A maior parte do dia gastava-o nos seus aposentos. Quando descia ao armazém, deambulava pacificamente, de mãos nos bolsos do seu fato-macaco e com a cabeça tão curvada para diante que o queixo se metia na gola da camisa. Não mostrava em si nenhuma nódoa de sangue. Às vezes parava, absorta e com ar sombrio no exame das fendas do soalho, torcendo uma farripa dos cabelos curtos e murmurando qualquer coisa. Mas o mais usual era conservar-se no seu quarto.

Veio o crepúsculo. A chuva refrescara a atmosfera, de modo que a noite decorreu glacial e

lúgubre como as de Inverno. Não se viam estrelas no céu, ofuscado aliás por um nevoeiro leve, frio, penetrante. A iluminação das casas, observada da rua, pestanejava com melancólica sonolência. Levantara-se o vento, que se pôs a soprar não do lado dos pântanos mas dos pinhais situados a norte.

Os relógios da vila bateram oito horas. Nada ainda acontecera. A noite sinistra, após os boatos assustadores do dia, arrepiava as pessoas, que se refugiavam à lareira. Havia outras que se tinham agrupado: uns oito ou dez homens esperavam sob a varanda do armazém de Miss Amelia. Estavam silenciosos, aguardando não se sabe o quê. Nem eles o sabiam: nos momentos de tensão nervosa, quando devia produzir-se qualquer facto extraordinário, os homens chegavam-se uns aos outros e ficavam na expectativa. Ao fim de algum tempo agiriam em uníssono, não levados pela sugestão ou vontade—de qualquer deles mas como se o seu instinto individual se fundisse na colectividade para que a decisão emanasse do grupo. Em semelhante conjuntura, ninguém hesita. E depende do destino que a acção comum se resolva em termos pacíficos ou, pelo contrário, tome a forma de violência. Assim, esperavam cheios de calma debaixo da varanda, ignorantes da sua actuação futura mas conscientes de que era preciso ter paciência e de que o instante crítico não tardaria.

A porta do armazém estava agora aberta. No interior brilhava a luz e tudo parecia normal. À esquerda avultava o balcão com postas de carne fresca, açúcar e tabaco; atrás, as prateleiras de carne salgada e farinha. Do lado direito, alfaias agrícolas; atrás, a porta da escada que conduzia ao andar superior, presentemente aberta. No extremo do armazém ficava outra porta, que dava acesso a um cubículo a que Miss Amelia chamava o seu escritório e que se encontrava igualmente aberta. Nessa noite, às oito horas, podia-se lobrigar a proprietária sentada defronte da secretária, escrevendo algarismos com uma caneta de tinta permanente e rodeada de várias folhas de papel.

O escritório estava fortemente iluminado, e Miss Amelia não parecia ter notado aquela delegação que se aproximara da varanda. Em volta dela tudo se mantinha em perfeita ordem, como de costume. Aquele escritório era bastante conhecido na terra, onde despertava certo pavor. Era ali que a proprietária resolvia todas as suas transacções. Sobre a mesa encontrava-se uma máquina de escrever, coberta com todo o cuidado; embora soubesse dactilografar, Miss Amelia só a utilizava para assuntos importantes. Havia profusão de documentos nas gavetas, arrumados por ordem alfabética. Ali entravam também os doentes, pois Miss Amelia gostava de receitar e de fazer tratamentos. Nas estantes acumulavam-se frascos de remédios e coisas relativas à medicina. Junto da parede havia um banco para os pacientes se sentarem. Ela era capaz de suturar as feridas com uma agulha posta previamente ao lume, de forma a não as infectar. Para as queimaduras tinha unguentos refrescantes, e para as afecções não localizadas possuía drogas que compunha segundo receitas misteriosas: aliviavam bastante os intestinos, mas não se devia prescrevê-las às crianças, por causa das convulsões que provocavam; essas usufruíam de certa mezinha especial, de bom paladar e bastante suave. Enfim, no conjunto, Miss Amelia era considerada boa doutora. As suas mãos, apesar de grossas e ossudas, faziam contactos leves. Não lhe faltava também imaginação para recorrer a dezenas de remédios

diferentes. Não hesitava perante tratamentos perigosos e extraordinários: por mais terrível que fosse a enfermidade, aquela mulher não temia empreender a cura. Só com uma excepção: não sabia o que fazer às doenças das mulheres. Bastava-lhe ouvir mencionar estas três palavras para que o seu rosto se sombresse de embaraço; ela esfregava o pescoço de encontro à gola da camisa, ou as galochas uma na outra, exactamente como procederia uma criança envergonhada. Noutras matérias, porém, o povo não se enganava se confiasse nela. E nunca exigia pagamento. Não admira que os doentes acorressem à sua casa.

Nessa noite, Miss Amelia serviu-se muito tempo da sua caneta de tinta permanente. No entanto, não podia continuar ignorando a presença do grupo que a vigiava. De vez em quando erguia a vista e fitava os circunstantes, embora sem os intimar a dizer o que pretendiam com aqueles modos que os assemelhavam a um bando de palermas. Mostrava-se severa e orgulhosa, como sempre quando estava a trabalhar no escritório. Por fim, tamanha indiscrição pareceu aborrecê-la. Limpou a cara com um lenço encarnado, pôs-se de pé e fechou a porta.

Este gesto actuou como um sinal para as pessoas que se encontravam na varanda. Chegara a ocasião. Esperavam há muito tempo, no ar agreste e sinistro da noite! Como que movidos por uma só vontade, entraram todos no armazém. Aqueles oito homens irmanavam-se bastante, nesse momento: fato de ganga azul, rosto pálido, expressão ansiosa... Nem eles sabiam o que iam fazer. Ora, nesse instante, ouviu-se rumor no alto da escada. Todos levantaram os olhos e ficaram mudos de espanto. Era o corcunda, que mentalmente já haviam assassinado! Além disso, a criatura não surgia como imaginavam: não se tratava dum sujo e miserável palrador, mendigo solitário, sem mais ninguém no mundo. Não se podia comparar a nada do que até aí tivessem visto. Na quadra reinava um silêncio de morte.

O corcunda desceu lentamente a escada, com o orgulho de quem é dono de cada degrau que pisa. Mudara muito. Em primeiro lugar, estava limpo; ainda usava o casaquinho da chegada, mas escovado e remendado.

Por baixo disto trazia uma camisa de pintinhas azuis e encarnadas, que pertencia a Miss Amelia. Não ostentava calças como os outros homens, mas um par de calções estreitos, até aos joelhos, e nas pernas magras meias altas pretas. Os sapatos eram de um feitio especial, extravagante, com atacadores em volta dos tornozelos e recentemente engraxados. De roda do pescoço (a afogar-lhe quase as orelhas grandes e lívidas) exibia um xaile de lã verde, cujas franjas roçavam no chão.

Em passos solenes avançou até ao meio do grupo, que se aproximara dele mas que lhe abriu caminho, olhando-o embasbacado, de braços pendentes. O corcunda, por seu lado, portava-se com extraordinária segurança. Fitou sem vacilar cada um dos presentes, porém ao nível da cintura (que lhe ficava em frente dos olhos), e depois observou daí para baixo, até aos pés. Só depois é que, satisfeito com o exame, recuou a cabeça e os relanceou, num reconhecimento circular. Havia a um canto do armazém um saco mal cheio de adubo; terminada a sua inspecção, o homenzinho dirigiu-se para lá, sentou-se, com as pernas cruzadas, e tirou da algibeira um objecto.

Decorreu um certo tempo antes que os outros se refizessem da sua estupefacção. O primeiro que falou foi Merlie Ryan, o das febres terçãs e que espalhará o boato que sabemos. Atentou no objecto que o corcunda segurava e perguntou-lhe em voz baixa:

- Que tem aí?

Ninguém ignorava o que era: a caixa de rapé que fora do pai de Miss Amelia, bela tabaqueira de esmalte azul orlada de ouro na tampa. O grupo conhecia-a e maravilhou-se com o facto. Ryan olhou cauteloso para a porta fechada do escritório e ouviu a proprietária inquirir lá de dentro:

- Que vem a ser, Lymon?

O corcunda levantou vivamente a cabeça e espremeu a boca para dizer:

- Uma armadilha para caçar intrómetidos.

Enfiou os dedos na caixinha e comeu qualquer coisa, sem oferecer aos outros. Não se tratava de tabaco, mas de algo que parecia uma mistura de açúcar e chocolate, embora se servisse daquilo como de uma pitada. Com a guloseima posta no lábio inferior, lambeu-a devagar e fez uma careta.

- Sofro de acidez - explicou ele. - Por isso como estas coisas doces.

Os assistentes formaram roda, embaraçados e surpreendidos. Esta impressão tendia a manter-se, embora outra se lhe juntasse: um ar de intimidade e de festa no ambiente. Nessa noite eram estes os homens que ali se achavam: Hasty Malone, Robert Galvert Hale, Merlie Ryan, o reverendo T. M. Willin, Rosser Gline, Rip Wellborn, Henry Ford Grimp e Horace Wells. Excepto o reverendo Willin, assemelhavam-se uns aos outros em muitos aspectos, como já se disse; todos haviam tido alegrias e desgostos, todos se mostravam sociáveis, a não ser quando se lhes esgotava a paciência, todos trabalhavam na fábrica e viviam em casas de dois ou três quartos, a dez ou doze dólares de renda mensal. Como era sábado, tinham recebido o seu salário. Tomemo-los, pois, como um todo, pelo menos por agora. Todavia, o corcunda já conseguia individualizá-los. Confortavelmente instalado, principiou a conversar com este e aquele, fazendo perguntas (se era casado, que idade tinha, quanto ganhava por semana, etc.), levando às vezes o seu inquérito a insignificâncias indiscretas.

Daí a pouco chegaram mais pessoas, entre elas Henry Macy, e ociosos a quem cheirou a novidade, e mulheres que iam buscar os respectivos maridos e que se demoravam uns momentos, e até um pequeno de cabelos cor de estopa que entrou pé ante pé, furtou uma caixa de bolachas e se safou sorrateiramente. A multidão acorria ao armazém, mas a dona continuava com a porta do escritório fechada.

Há um tipo de seres humanos que possui uma qualidade que os diferencia dos demais: é certo instinto que se encontra em geral nas crianças e que consiste em estabelecer com tacto imediato e absoluto com tudo o que o rodeia. A este tipo devia pertencer o primo Lymon. Não estava ali

ainda há meia hora já estabelecera esse contacto com cada um dos circunstantes. Dir-se-ia que toda a sua vida habitara naquela terra, que todos o conheciam e que se sentara no saco de adubo para tagarelar indefinidamente. Isto, reunido à circunstância de ser sábado, explicava o ar de contentamento e de liberdade que imperava no armazém. Sentia-se, porém, um vago constrangimento devido à estranheza da situação e ao facto de Miss Amelia se haver fechado no escritório.

De lá saiu pelas dez horas. Os que esperavam um ar teatral ficaram desiludidos. Ela, porém, parecia não reparar em nada de extraordinário. Os olhos pardos e vesgos insistiram no lugar em que o corcunda se sentara, mas, quanto à multidão que lhe invadira a loja, limitou-se a considerá-la com pacífica surpresa.

- Precisam de alguma coisa? - perguntou, muito tranquila.

Os fregueses eram numerosos, e, sendo sábado, desejavam comprar bebidas. Três dias antes, Miss Amelia pusera uma torneira no seu tonel venerável e engarrafara grande quantidade de uísque. Recebeu, pois, o dinheiro que lhe apresentavam e contou-o à luz, como usualmente. Mas o que se seguiu já não foi usual. Até então, era necessário dar a volta ao pátio escuro, atrás do armazém, e receber a respectiva garrafa através da porta da cozinha. Semelhante transacção nenhuma alegria proporcionava, porque o cliente, depois de aceitar o uísque, desaparecia nas trevas da noite. Se a sua mulher lhe não consentia que bebesse em casa, o homem rodava até à fachada do edifício e dessedentava-se ali mesmo na rua, sob a varanda. Dentro do estabelecimento não era permitido consumir álcool com excepção da proprietária. E, de um momento para o outro, infringia-se aquela regra!

Miss Amelia foi à cozinha, com o primo na peugada, e trouxe as garrafas para o armazém bem aquecido e iluminado. Mais ainda: forneceu copos e abriu duas latas de bolachas. Reinava, pois, a hospitalidade em volta do balcão, e cada qual podia beber à vontade.

Miss Amelia não falou com ninguém senão com o corcunda, e só para indagar:

- Primo Lymon, quer o seu ao natural ou aquecido sobre o fogão, com um pouco de água?

- Prefiro quente, Amelia, se faz favor. (Quem ousaria tratá-la pelo nome de baptismo? Nem aquele marido de dez dias! Depois da morte do pai, que dizia "minha pequena", mais ninguém se atreveu a dirigir-se-lhe com familiaridade.)

Estava, pois, iniciado o café, e com a simplicidade que vimos. Lembremo-nos de que era uma noite fria como as de Inverno e que beber lá fora seria magro prazer. Mas, no interior, havia companheiros, calor e conversa. Alguém atizara o lume, muitos dividiam o uísque com os amigos. Algumas das mulheres chupavam rebuçados ou tomavam uns goles da bebida reconfortante. O corcunda representava um atractivo, divertia toda a sociedade. Trouxeram o banco do escritório, assim como as cadeiras. Uns apoiavam-se ao balcão ou instalavam-se sobre barricas e sacos. O consumo do álcool dentro de portas não provocou alterações, nem frases



indecentes, nem maneiras indelicadas: pelo contrário, havia bastante civilidade e até um pouco de acanhamento. Naquela terra não estavam habituados a reunir-se para fazer pândega; juntavam-se para trabalhar na fábrica, quando muito. Aos domingos, podiam comparecer a uma convocação religiosa, ao ar livre, e, embora fosse agradável, a intenção principal era a de refrescar nos ouvintes a visão do Inferno e incutir o medo salutar do Todo-Poderoso. Ora a atmosfera de um café diferencia-se imensamente disto. No café, o mais impudente dos ricos coíbe-se de insultar seja quem for; quanto aos pobres, olham em volta cheios de reconhecimento e portam-se com a maior modéstia. O ambiente de um verdadeiro café implica estas qualidades: sociabilidade, satisfação do estômago, boa disposição e melhor comportamento. Ninguém enunciara estas normas, essa noite, no estabelecimento de Miss Amelia; mas a companhia que ali se reunira sentia-as por instinto, embora na vila nunca tivesse existido nenhum café.

A causadora de tudo, Miss Amelia, conservou-se a maior parte do tempo no limiar da porta que dava para a cozinha. Exteriormente, não se lhe notava mudança; foram muitos, porém, os que lhe observaram a fisionomia. Ela não perdia nada do que se passava, embora quase sempre só seguisse com os olhos os movimentos do corcunda, que ia e vinha com ar importante, abrindo e fechando a tabaqueira e mostrando-se simultaneamente áspero e agradável. No lugar em que estava Miss Amelia, a luz que irradiava das fendas do fogão iluminava-lhe o rosto moreno e comprido. Tinha uma expressão feita de dor, perplexidade e alegria incerta. Os lábios não denotavam a firmeza habitual. Frequentes vezes engoliu a saliva e pareceu entregar-se a reflexões. Empalidecera, tinha as mãos húmidas, todo o seu ar revelava a solidão da apaixonada.

A inauguração do café terminou à meia-noite. Despediram-se todos amigavelmente. Miss Amelia fechou a porta da rua, mas esqueceu-se de a ferrolhar. Não tardou que a rua central, com os seus armazéns, casas, fábricas - toda a vila, enfim -, caísse na escuridão e no silêncio. E assim acabaram os três dias e as três noites durante os quais chegara um desconhecido, se celebrara um feriado laico e se fundara um café.

Deixemos passar o tempo. Os quatro anos que se seguiram assemelharam-se uns aos outros. Houve várias mudanças, mas estas produziram-se pouco a pouco, por gradações, que em si mesmas se afiguraram sem importância. O corcunda continuou a viver com Miss Amelia. O café prosperou. A dona já vendia uísque a copo, e havia mais mesas no armazém. Todas as noites apareciam fregueses, e ao sábado grande multidão. Miss Amelia começou a servir postas de peixe a quinze cêntimos. O primo convenceu-a a adquirir um piano mecânico. Em dois anos, aquilo transformara-se num verdadeiro café, aberto todos os dias das seis à meia-noite. Invariavelmente, o corcunda descia as escadas como alguém que forma de si mesmo uma opinião considerável. Cheirava sempre a nabo, porque a prima o esfregava duas vezes por dia com um lenimento com base naquela raiz, para o fortificar: Ela mimava-o de forma exagerada, mas nada conseguia melhorar-lhe a saúde; a comida só tinha por efeito aumentar-lhe a marreca e a cabeça, ao passo que o resto se conservava raquítico e disforme. Na aparência, Miss Amelia estava na mesma. Durante a semana usava o fato-macaco e as galochas, porém aos domingos envergava um vestido encarnado que lhe pendia do corpo de maneira esquisita. Os seus modos e teor de vida é que se tinham alterado bastante. Ainda continuava demandista, mas diminuiria o

seu ardor em defraudar o semelhante e em exigir pagamentos cruéis. Como o corcunda era extremamente sociável, ela até saía um pouco para ir a cerimônias religiosas, enterros e outras funções do mesmo género. Os doentes afluíam lá em maior número, e o uísque aperfeiçoara-se, se tal coisa é possível. O próprio café, único lugar de distração muitos quilómetros em redor, tornara-se negócio rendoso.

Vejamos alguns aspectos parciais do café relativamente a essa época. Lá vai o corcunda atrás de Miss Amelia, numa rubra manhã de Inverno, a caminho dos pinhais. Ei-los também a trabalhar na fazenda: é claro que o primo Lymon não fazia nada, limitando-se a andar por ali mas sempre pronto a chamar à ordem algum preguiçoso. Nas tardes de Outono sentavam-se nas traseiras da casa para cortar em rolos a cana-de-açúcar. Passavam os deslumbrantes dias estivais nos pântanos, onde os salgueiros são de um verde-escuro e a sombra, debaixo das árvores, convida à sonolência. Quando o atalho atravessava um lodaçal, via-se Miss Amelia curvar-se para que o primo Lymon lhe saltasse para as costas e chegasse a salvo agarrado às orelhas dela ou à sua testa larga. Uma vez por outra, Miss Amelia punha a funcionar o seu Ford e levava Lymon a assistir às fitas em Gheehaw ou a um combate de galos numa feira distante: o corcunda adorava os espectáculos. Já se sabe que estavam sempre de volta a tempo de abrirem o café de manhã cedo, e muitas vezes ficavam horas inteiras junto do lume, na sala do andar de cima, porque Lymon temia a solidão e o escuro e tinha medo profundo da morte. Miss Amelia não o deixava desacompanhado, compadecida daquela angústia. É até possível que o renome do café viesse deste facto: o corcunda provocava a animação; que o ajudava a passar a noite. Ai têm, pois, uma série de imagens com que podem reconstituir a vida do café naquele tempo. E por agora deixemo-lo sossegado.

Este procedimento precisa de explicação, é altura de se falar de amor. Miss Amelia amava o primo Lymon. Isto tornava-se evidente aos olhos de todos. Viviam juntos na mesma casa, nunca se separavam. Por conseguinte, havia pecado, segundo a senhora MacPhail, velha intrometida, de nariz coberto de verrugas, e conforme a opinião de outras pessoas da terra. Se eram parentes, tratava-se de parentesco afastado, que ainda ninguém conseguira provar. É claro que Miss Amelia representava o tipo da virago (com mais de um metro e oitenta) e o primo Lymon o do anão que lhe chegava apenas à cintura. Mas tanto melhor para a senhora MacPhail e as suas comadres, gente que se regozija com estas ligações desconcertantes. Os sem-malícia pensavam, por seu turno, que o caso era só com eles e com Deus se os dois obtinham mutuamente alguma satisfação física. E, enfim, os indivíduos sensatos estavam de acordo para negar redonda e sinceramente o despautério. De que natureza seria, pois, aquele amor?

Em primeiro lugar, o amor é uma aventura a dois; o facto, porém, de ser isso não implica que seja igual para ambos os componentes. Há o que ama e há o amado. Muitas vezes, este último constitui apenas um estímulo para o amor acumulado que jaz até aí no amante, o qual bem sabe que isso é uma coisa solitária.

Depois, vem a conhecer nova e estranha solidão, o que o faz sofrer ainda mais. De modo que só lhe resta um processo: guardar o amor dentro de si tanto quanto puder; criar um mundo interior,

intenso e completo. Digamos aqui que este amante de quem falamos não precisa necessariamente de ser jovem nem destinado ao casamento: pode ser homem, mulher, criança - enfim, qualquer entidade terrena.

Quanto ao amado, ele pode ser de qualquer classe ou natureza. Encontra-se estímulo mesmo no ser mais dispar ou grotesco. Um

bisavô amará ainda uma rapariguinha que encontrou nas ruas de Gheehaw há vinte anos. O virtuoso apaixonar-se-á pela pecadora. Haverá gente amada entre os traidores, os maus e os repelentes; e a que ama não ignorará nada disto, mas isso não lhe afectará

em nada o sentimento. A pessoa mais medíocre será objecto de um amor selvático, extravagante e belo como os lírios venenosos do pântano - assim como a pessoa digna será estímulo para um amor violento e degradante. Até um louco pode despertar em alguém um idílio simples, cheio de ternura. Portanto, o valor e a qualidade do amor são determinados somente pelo indivíduo em quem ele desperta.

Há-de ser por este motivo que a maior parte de nós prefere amar a ser amado. Quase todos querem ser o agente activo. E a pura verdade é esta: no íntimo, o facto de ser amado torna-se intolerável para muitos. O amado teme e odeia o amante, e pela melhor das razões. O amante pretende esbulhar o amado, ainda que isto lhe cause sofrimento.

Já dissemos que Miss Amelia fora casada. Convém recordar nesta altura tão curioso episódio. Consideremos que isto aconteceu há muito tempo e que foi o único contacto pessoal que ela teve (antes de conhecer o corcunda) com o fenómeno chamado Amor.

A vila era então como agora, com a diferença de que possuía dois armazéns em vez de três e de que as árvores da beira das ruas estavam mais torcidas e mais pequenas. Miss Amelia tinha dezanove anos nesse tempo; o pai morrera-lhe há alguns meses. Havia certo operário da fiação chamado Marvin Macy, irmão de outro, Henry, tão dissemelhantes que ninguém pressentiria o parentesco. Marvin era o homem mais bem-parecido da região, musculoso, de olhos pardos e lânguidos e cabelo ondeado. Ganhava bem, usava relógio de ouro, o qual, uma vez aberta a capa de trás, revelava uma pintura de queda de água. No aspecto exterior e mundano, Marvin podia-se considerar afortunado. Não precisava de implorar para obter tudo quanto quisesse. Mas, num plano mais elevado, Marvin não conseguia despertar inveja, visto ser um mau carácter. Desfrutava da pior reputação que se possa imaginar. Durante anos, ainda rapazola, trouxera sempre consigo a orelha seca e salgada de um homem que matara num combate à navalha. Entreteinha-se a cortar a cauda dos esquilos nos pinhais só por mero prazer; na algibeira esquerda das calças guardava um pouco de marijuana, erva mágica que tenta as pessoas desanimadas a suicidarem-se. Toda via, apesar destes defeitos, era o ai Jesus das meninas, e havia muitas, por essa época, a quem não faltavam adornos físicos e maneiras encantadoras. Marvin desonrava-as e abandonava-as. Finalmente, aos vinte e dois anos, o rapaz fixou a vista em Miss Amelia. Foi pois esta criatura solitária, esquisita, de olhos tórtos, quem ele cobiçou. E não por dinheiro mas simplesmente por amor.

E o amor transformou Marvin Macy. Antes de amar Miss Amelia, poder-se-ia ter posto em dúvida se ele possuía alma e coração. Há contudo, certa explicação para a sua fealdade moral: foram bastante difíceis os primeiros anos da vida de Marvin. Pertencia a uma família de sete filhos, cujos pais a custo mereceriam este nome: eram autênticos selvagens que só gostavam de pescar e vaguear pelos pântanos. As crianças - e nascia-lhes uma cada ano - representavam para eles um fardo. À noite, quando voltavam para casa de regresso da fábrica, olhavam para os filhos como se não soubessem donde tinham surgido. Se eles choravam, levavam pancada; a primeira coisa que aprenderam foi a procurar o recanto mais escuro do quarto para aí se esconderem. Estavam tão magros que pareciam espectros, e nem sequer falavam, mesmo entre si. Finalmente, os pais abandonaram-nos, deixando-os à mercê da caridade pública. Esse Inverno foi bastante rigoroso, com a fábrica fechada quase por três meses e a miséria imperando por toda a parte. A vila, contudo, não era dessas que permitem ver os órfãos perecer pelas ruas. Aconteceu, pois, que o mais velho, indo a pé para Gheehaw, desapareceu de vez talvez se metesse lá num comboio de mercadorias e depois corresse mundo. Ninguém sabe. Três dos outros recolhiam-nos aqui e ali e mandavam-nos desta cozinha para aquela; sendo fracos, morreram antes da Páscoa. Aos dois mais novos, Marvin e Henry, adoptou-os uma mulher compassiva, a senhora Mary Hale, que os tratou e estimou como seus filhos. Na sua casa se criaram e desenvolveram.

Mas o coração das crianças é órgão delicado. Tão cruéis princípios na vida acabam por os deformar de maneira curiosa. Pode o coração de um ente pequenino encolher-se tanto e endurecer como um caroço de pêssego; ou, pelo contrário, dilatar-se de tal forma que se torna pesado para o corpo que o abriga e facilmente se ferir com qualquer coisa. Foi o que sucedeu a Henry Macy, em tudo oposto ao irmão. Henry era o mais terno, o melhor dos homens da vila. Emprestava do seu salário àqueles que necessitavam e ocupava-se dos miúdos cujos pais passavam o sábado no café. Pessoa tímida, mostrava a expressão de quem sofre e tem o coração dilatado. Marvin, por sua banda, tornou-se ousado, indomável, cruel, de coração duro. Até se apaixonar por Miss Amelia só trouxe desgostos e vergonha ao irmão e à bondosa mulher que o criara.

Todavia, o amor alterou o carácter de Marvin. Durante dois anos, amou Miss Amelia sem se lhe declarar. Conservava-se à sua porta, de barrete na mão e olhos meigos, perdidos numa névoa de desejo. Reformou os seus hábitos. Foi bom para o irmão e para a mãe adoptiva, fez economias, aprendeu a coibir-se. Mais ainda, aproximou-se de Deus. Já não ficava no adro da igreja todo o domingo, cantando e tocando viola; assistia aos officios divinos e não faltava a nenhuma reunião de obras pias. Ganhou maneiras decentes, levantava-se e oferecia o seu lugar às senhoras, deixou de blasfemar, de meter-se em rixas e de jurar em vão o santo nome de Deus. Levou dois anos a modificar-se, a corrigir o feitio. Ao fim dessa aprendizagem, foi uma noite procurar Miss Amelia, com um ramo de flores silvestres, um saco de chouriços e um anel de prata - e confessou-lhe o seu amor.

Casaram. Mais tarde, cada qual perguntava a si mesmo porquê. Uns diziam que fora por ela ambicionar presentes de casamento. Outros pensavam que fora por causa das perseguições

duma velha tia-avó de Gheehaw.

Fosse como fosse, o povo viu-a atravessar em passos largos a nave da igreja, envergando o vestido de noiva da mãe, de cetim amarelo, pelo menos trinta centímetros mais curto do que devia ser para a sua estatura. Era uma tarde de Inverno, e o sol brilhava através da púrpura dos vitrais e projectava uma estranha claridade sobre o par ajoelhado ao altar. Durante os preceitos lidos pelo pastor, Miss Amelia fez um gesto esquisito - esfregou a palma da mão direita várias vezes no vestido. Devia procurar a algibeira do fato-macaco, e, não a encontrando, mostrou uma expressão de impaciência e aborrecimento. Enfim, terminada a cerimónia, Miss Amelia saiu à pressa, sem tomar o braço do marido, e distanciou-se dele cerca de dois passos.

Como a igreja ficava perto do armazém, os noivos fizeram o trajecto a pé. Diz-se que, pelo caminho, ela falou dum negócio de lenha que fechara com certo fazendeiro. Na realidade, portou-se com o recém-casado como se se tratasse de um vulgar cliente; contudo, até aí, as coisas passaram-se menos mal: a vila estava satisfeita por verificar o que o amor operara em Marvin e pelo que podia actuar em Miss Amelia. Pelo menos esperavam que o matrimónio adoçasse o temperamento da rapariga, a engordasse um bocadinho e a transformasse numa mulher normal.

Mas enganavam-se. Os garotos que espreitaram pela janela, nessa noite, contaram o seguinte: os noivos comeram o jantar de gala que lhes preparara Jef, um preto velho que cozinhava para Miss Amelia. Esta repetiu todos os pratos, ao passo que Marvin se limitou a petiscar. Depois, a mulher foi ocupar-se da sua vida, como de costume; leu o jornal, acabou um inventário das mercadorias armazenadas, e assim por diante. O marido postou-se à ombreira da porta com ar idiota e radiante, sem que merecesse da parte de Miss Amelia a menor atenção. Às onze horas, ela pegou na vela e subiu a escada; ele seguiu-a. Até então, os eventos decorriam sem escândalo de maior - mas o resto foi horrível. Meia hora depois, Miss Amelia descia os degraus a quatro e quatro, de calções e casaco de caqui. Tinha uma cara tão sombria que chegava a parecer negra. Fechou com estrondo a porta da cozinha, dando-lhe um pontapé. Em seguida sentou-se, para se acalmar. Atiçou o lume e estendeu os pés para o fogão. Leu o Almanaque do Lavrador, bebeu café e fumou no cachimbo do pai. Estava com ar severo, duro, e a face readquirira a palidez natural. De vez em quando interrompia a leitura para tomar um apontamento numa folha de papel. Pela madrugada, entrou no escritório e destapou a máquina de escrever, que comprara recentemente e que aprendia a manejar. Deste modo passou a sua noite de núpcias. Quando já era dia, apareceu no pátio, como se nada fosse, e prosseguiu a construção duma coelheira que iniciara na semana anterior e se destinava a um cliente.

Triste situação para um recém-casado essa de não poder atrair a mulher ao leito conjugal. Toda a vila o soube. Marvin, nesse dia,

desceu do quarto ainda com o seu fato de noivo e com um rosto em que se lia desolação. Só Deus sabe como teria passado a noite! Errou pelo pátio, observando Miss Amelia mas conservando-se a respeitosa distância. Pelo meio-dia, ocorreu-lhe uma ideia e partiu em direcção a Society Gity. Voltou com várias prendas: um anel com opala engastada, um broche de esmalte cor-de-

rosa, como era então moda, um bracelete de prata em que figuravam dois corações e uma caixa de doces que lhe custara dois dólares e meio. Miss Amelia examinou todos esses belos presentes e abriu a caixa de doces, porque estava com fome. Calculou o valor dos restantes e colocou-os no balcão, para os vender. A noite decorreu como na véspera, só com a diferença de que Miss Amelia levou para a cozinha o seu colchão de penas, no qual dormiu muito bem.

As coisas continuaram neste teor nos três dias seguintes. Miss Amelia ocupava-se, como de costume, dos seus negócios, e mostrou-se interessada com a notícia de que iam construir uma ponte a cerca de dezasseis quilómetros dali. Marvin não deixava de a seguir pela casa, e via-se-lhe na cara quão grande era a sua dor. Até que, no quarto dia, tomou uma resolução estúpida: foi a Gheehaw e voltou com um advogado. Depois, no escritório da mulher, assinou um documento em que lhe doava todos os seus bens: dez hectares de pinhal que ele adquirira com as suas economias. Miss Amelia leu o papel meticulosamente, para se certificar de que não havia possibilidade de dolo, e guardou-o com todo o cuidado na gaveta. Nessa tarde, Marvin pegou numa garrafa de uísque e ausentou-se sozinho para os pântanos quando o sol ainda brilhava. À noite, regressou bêbado, procurou a mulher, enternecido, e pousou-lhe uma mão no ombro. Tentou dizer-lhe qualquer coisa, mas, antes que conseguisse abrir a boca, ela

pregou-lhe um soco tão violento que ele foi atirado contra a parede e ficou com um dos dentes da frente partido.

O resto só se pode contar em poucas palavras. Depois do primeiro murro, Miss Amelia aplicou-lhe outros sempre que o apanhava a jeito ou que ele se embebedava. Como remate, expulsou-o de casa, e Marvin teve de sujeitar-se ao conhecimento público dos seus desaires. Durante o dia rondava o prédio; às vezes, com ar desvairado, ia buscar a espingarda e sentava-se a limpá-la, olhando fixamente para Miss Amelia. Esta, se tinha medo, não o mostrava; mais severa do que nunca, limitava-se a cuspir para o lado. O último esforço absurdo que Marvin fez foi o de subir até à janela do armazém, uma noite, e lá ficar às escuras, sem propósito definido, até que a mulher desceu a escada na manhã seguinte. Miss Amelia pôs-se logo a caminho do tribunal de Gheehaw com a ideia de conseguir a prisão do marido por violação de propriedade particular. Nesse mesmo dia, Marvin abandonou a vila: ninguém o viu partir nem soube para onde foi. Antes de se ir embora, porém, enfiou por baixo da porta de Miss Amelia uma carta incrível, escrita metade a tinta e metade a lápis - carta de amor em que também se incluíam ameaças, imputando a Miss Amelia a responsabilidade de todos os seus sofrimentos. O casamento durara dez dias. E a vila inteira experimentou a satisfação que se tem sempre quando se vê uma pessoa derrotada por meios terríveis e escandalosos.

Miss Amelia possuía agora tudo quanto pertencera a Marvin Macy: o pinhal, o relógio de ouro, os objectos de uso pessoal. Mas não pareceu ligar-lhes muita importância, pois naquela Primavera cortou em pedaços o traje dele de membro da Ku-Klux-Klan para cobrir as plantas de tabaco. Marvin aumentara-lhe os haveres, oferecera-lhe o amor; e, coisa estranha Miss Amelia nunca lhe pronunciava o nome senão com o máximo desdém.

Mais tarde, quando circularam na vila boatos terríveis a respeito desse homem, ela pareceu

deliciada. O genuíno carácter de Marvin revelava-se à luz do dia, uma vez desembaraçado do amor. Marvin Macy tornou-se num criminoso, de quem falavam todos os jornais do país. Assaltou três postos de gasolina e manteve imobilizado, com a sua espingarda, o pessoal das lojas de Society City. Acusaram-no de haver assassinado o famoso bandido Sam Zarolho. Todos estes crimes o celebrizaram. Finalmente, conseguiram prendê-lo, ébrio, com a viola caída a um canto e cinquenta e sete dólares escondidos na bota do pé direito. Foi julgado, condenado e metido na penitenciária de Atlanta. Miss Amelia rejubilou.

Isto tudo aconteceu há muito tempo e é a história do casamento de Miss Amelia. A vila riu bastante com este assunto tão grotesco. Mas, embora os factos externos desse amor fossem na verdade tristes e ridículos, devemos-nos lembrar do sentimento que se albergara no coração do apaixonado. Quem, senão Deus, pode ser o juiz definitivo deste ou doutro amor? Na primeira noite do café, houve gente que, de súbito, se recordou do noivo falhado, preso na cadeia, a quilómetros de distância. E nos anos que se seguiram ninguém se esqueceu de Marvin Macy. Nunca se proferia o seu nome na presença de Miss Amelia ou do corcunda. Porém, a memória da sua paixão e dos seus crimes e a ideia do homem metido a ferros eram como um elemento perturbador da alegria que reinava no café. Veremos que esse terrível Marvin representará papel importante nos acontecimentos que estão para vir.

Os aposentos do andar superior não se modificaram durante os quatro anos subsequentes. Essa parte do prédio continuava exactamente na mesma. Os três quartos, já o sabemos, eram de um asseio imaculado. O mais pequeno objecto tinha o seu lugar certo, e o criado Jeff fazia todas as manhãs a limpeza da casa. O quarto da frente era ocupado pelo primo Lymon - o mesmo que Marvin ocupara nas poucas noites em que lhe fora permitido viver ali. Anteriormente, fora o quarto do pai de Miss Amelia. Como mobília, tinha um armário grande, uma boa mesa coberta com pano branco seguro aos cantos e outra de tampo de mármore. O leito era enorme, de colunas de pau-rosa, entalhadas, com dois colchões de penas, travesseiros e demais comodidades - e tão alto que tinha junto dois degraus de madeira para o seu acesso; nenhum ocupante, todavia, se servira deles antes da vinda do primo Lymon. Além dos degraus existia também um bacio de loiça com flores cor-de-rosa estampadas: O soalho, sem tapete, luzia com o seu encerado escuro. Havia cortinas de tecido branco.

A seguir à sala ficava a alcova de Miss Amelia, muito mais pequena e mais simples, com uma cama estreita, de pinho, e uma cómoda

para guardar as calças, as camisas e o vestido domingueiro. As galochas pendiam de dois pregos da parede. Nada de cortinas ou tapetes ou ornamentações de qualquer ordem.

O quarto do meio, a sala, ostentava um sofá de pau-rosa forrado de seda verde já puída, diante do fogão; jardineiras: duas máquinas de costura Singer; um vaso com certa planta de cachos prateados, piramidaistudo de aspecto grandioso. Mas o móvel mais imponente era uma papeleira imensa, que continha tesouros e curiosidades. A esta colecção, Miss Amelia juntara mais duas peças: uma bolota descomunal de certa espécie de carvalho e uma caixinha de veludo com duas pedritas acinzentadas. Às vezes, quando não tinha nada que fazer, ela tirava esta caixa de veludo

e ficava perto dajanela, com as pedras na palma da mão, contemplando-as num misto de fascinação, respeito e medo. Eram as pedras extraídas do fígado da própria Miss Amelia, alguns anos antes, por um cirurgião de Gheehaw; fora uma provação terrível, do princípio ao fim, e por isso as conservava como reliquias. No segundo ano da sua convivência com o primo Lymon, oferecera-lhas para adornar a corrente do relógio com que também o havia presenteado. O outro objecto, a bolota, igualmente u considerava precioso, porém só de vê-lo tornava-se triste e perplexa.

- Amelia, que é isto? - perguntou-lhe um dia o corcunda.

- Ora, uma bolota... que eu encontrei na tarde em que o meu pai morreu.

- Porquê? - insistiu ele.

- Vi-a no chão, apanhei-a e meti-a na algibeira. Porquê, não sei.

- Há-de haver um motivo para a guardar.

As conversas entre Miss Amelia e o primo Lymon, em geral às primeiras horas da manhã, quando o corcunda não conseguia dormir, eram frequentes. Regra geral, Miss Amelia era uma pessoa reservada; davam-lhe gosto, no entanto, certos assuntos de debate, certos problemas que continuavam insolúveis

por mais tratados que fossem. O corcunda, por outro lado, propendia para a tagarelice.

Era diferente a maneira como cada um deles conduzia a conversa. Miss Amelia pairava nas generalidades, murmurando frases com ar pensativo, ao passo que o outro a interrompia de repente para vincar um pormenor, mesmo sem importância, mas ao menos concreto

e palpável. Eis os temas favoritos de Miss Amelia: os astros, a razão por que os pretos têm essa cor, o melhor tratamento do cancro, etc. O pai também constituía assunto predilecto das suas divagações.

- Naquele tempo - dizia ela -, eu dormia muito. Ia para a cama logo que escurecia, e adormecia. De manhã, o pai entrava no meu quarto, punha a mão no meu ombro e exclamava: "Levanta-te, filha!" Quando o fogãojá estava aceso, ordenava: "Carne com molho, presunto, ovos. E milho assado!"

- O milho assado que comemos esta manhã não me pareceu bom - atalhava o primo Lymon. - Só cozeu por fora, por dentro estava cru.

- E então o pai, naquele tempo... O paleio não tinha fim, quando se sentavam junto do lume (de Verão ou de Inverno, porque o corcunda era muito friorento), e Miss Amelia estendia as pernas em direcção à grelha. O primo Lymon ficava numa cadeirinha baixa, com os pés pendentes e embrulhado num cobertor ou num xaile de lã verde. Só a ele é que Miss Amelia mencionava o



nome do seu defunto pai. Eis um dos processos de confirmar o amor que dedicava ao primo.

Este defrutava da sua confiança nas coisas mais delicadas e essenciais. Era o único a conhecer o esconderijo da planta onde ela assinalara o sítio exacto em que se encontravam certos barris de uísque enterrados na propriedade. Só o primo Lymon abria o livro das contas e a papelada dos tesouros. Tirava dinheiro da caixa, às mãos-cheias, para escutar o som do metal e sentir-lhe o peso nos bolsos. Quase tudo lhe pertencia no prédio. Se Miss Amelia o via de mau humor, apressava-se a regalá-lo com uma prenda, e já poucos objectos restavam para lhe oferecer. Do que ela o não fazia partilhar era da memória do seu enlace com Marvin Macy; jamais se tratou deste assunto naquelas conversas entre os dois.

Deixemos transcorrer os anos para chegarmos a certa noite de domingo, pouco mais de cinco anos após a vinda do primo Lymon para aquela terra. Corria o mês de Agosto, e o céu estivera como que em brasa todo o dia; agora descia o crepúsculo, concedendo à vila uma sensação de repouso. Cobrira-se o caminho de espessa camada de pó amarelado, e os pequenos corriam seminus, espirrando às vezes, suando, e cheios de irritação. A fábrica fechara às doze horas. Ao longo da rua central, os habitantes descansavam nos degraus das respectivas casas. As mulheres abanavam-se com leques de palma. Na fachada do prédio de Miss Amelia lia-se a palavra CAFÉ.

Estava fresco na varanda das traseiras, protegida por venezianas, e o primo Lymon instalara-se aí, ocupado a fazer girar a sorveteira. De tempos a tempos abria o tampo para provar o conteúdo e ver como decorria a operação. Jef trabalhava na cozinha. Gedó

naquela manhã, Miss Amelia pendurara um letreiro na varanda da frente com estes dizeres: "Hoje há alimentos a vinte cêntimos."

O salão do café já funcionava, e a dona acabara uma parte das suas tarefas no escritório.

Os fregueses abancavam às oito mesas. Principiou a ouvir-se o piano mecânico.

Num canto, próximo da porta, encontrava-se Henry Macy sentado com uma criança.

Estava a beber álcool, o que raras vezes sucedia, porque este lhe subia à cabeça e o obrigava a chorar ou a cantar. Estava muito pálido, com um tique nervoso no olho esquerdo, sinal de extrema agitação. Entrara no café silenciosa e sorrateiramente, sem corresponder às saudações de ninguém. A criança que o acompanhava pertencia a Horace Wells e fora levada naquela manhã a Miss Amelia para que esta lhe dispensasse os seus cuidados clínicos.

Miss Amelia, bem-disposta, saiu do escritório. Ocupou-se de vários pormenores na cozinha e foi para o café, empunhando a mitra de uma galinha, petisco da sua eleição. Olhou em volta, viu que tudo corria bem e encaminhou-se para a mesa de Henry Macy. Fez girar a cadeira, sentou-se às cavalitas e, como procurasse matar o tempo (ainda era cedo para jantar), tirou da algibeira do fato-macaco uma garrafa com certo remédio da sua invenção, feito de uísque, açúcar e um ingrediente secreto. Desrolhou-a e pô-la à boca da criança; em seguida virou-se para Henry

Macy e, notando-lhe o estremecimento do olho esquerdo, inquiriu:

- Que é que tem?

Henry Macy pareceu ir dizer algo de muito difícil, mas, depois de ter olhado demoradamente para a sua interlocutora, engoliu em seco e ficou calado.

Desta forma, Miss Amelia voltou ao seu enfermo. Só a cabeça do pequeno aparecia acima da mesa. Tinha a cara vermelha, os

olhos semicerrados e a boca entreaberta. Surgira-lhe na coxa um furúnculo grande, e haviam pedido a Miss Amelia que o abrisse. Mas esta possuía um modo muito seu de tratar crianças; não gostava de as ver sofrer, debatendo-se assustadas. Por isso conservara o padecente todo o dia ali em casa, dando-lhe xaropes e doses repetidas de certo remédio. Ao anoitecer, pusera-lhe um guardanapo à volta do pescoço, sentara-o à mesa e deixara-o comer de tudo o que quisesse. E eilo agora com a cabeça a oscilar lentamente de um lado para o outro, soltando às vezes um grunhido de cansaço.

Produziu-se um rebuliço no salão, e Miss Amelia virou-se para se inteirar do que era. O primo Lymon tinha chegado. Fazia todas as noites a sua aparição no café, e, ao alcançar o centro da sala, detinha-se e olhava em volta, examinando os circunstantes para avaliar o grau de comoção que poderia despertar dessa vez. Um grande amador de travessuras, este corcunda! Agradava-lhe fazer intrigas, e, sem dizer uma palavra, era capaz de pôr todos a brigar, como que por milagre. Dois anos antes, por sua culpa, os gémeos tinham discutido um com o outro por causa de um canivete, ficando durante muito tempo zangados. Quando Rip Wellborn e Robert Galvert Hale andaram à pancada, ele encontrava-se presente, como aliás em todas as rixas travadas na vila. Metia o nariz em tudo, conhecia os negócios privados de cada qual e não se preocupava com o que desse e viesse. Contudo, e coisa esquisita -, era a ele que o café devia o seu êxito. Sem o corcunda, a alegria não era completa. Ao entrar no salão despertava sempre ansiedade, pois com semelhante metedção ninguém sabia o que lhe estava reservado. O povo só se satisfaz com a possibilidade de catástrofes. E assim, ao vê-lo entrar, todos se viravam para ele, e, enquanto alteava o diapasão das conversas, estalavam as rolhas das garrafas.

O primo Lymon fez com a mão um gesto a Stumpy MacPhail, que estava sentado junto de Merlie Ryan e Henry Ford Grimp.

- Hoje fui pescar ao Rotten Lake - participou - e tropecei numa coisa que supus a princípio ser um tronco de árvore derrubada. Mas, ao passar por cima, senti mexer, e, firmando a vista, percebi que era um aligátor tão grande como daqui à porta da cozinha e mais gordo que um cevado.

Falava, falava... De vez em quando, alguns olhavam para ele e ouviam o que dizia, mas outros nem lhe davam atenção. Em certos dias, só contava mentiras e gabarolices. Nessa noite, nada do que disse tinha a mais leve ponta de verdade. Permanecera na cama com

uma amigdalite e apenas se levantara para fazer girar a sorveteira. Ninguém o ignorava, e todavia o corcunda ia falando naquele teor í e ensurdecendo os seus auditores.

i Miss Amelia espiava-o, com as mãos nos bolsos e a cabeça de lado. Havia doçura nos seus estranhos olhos cinzentos. Dir-se-ia sorrir para si mesma. Às vezes, desviava a vista do corcunda e incidia-a sobre os clientes; mas então o olhar já era altivo, envolvia ameaça. parecia desafiar quem quer que se atrevesse a interromper as fantasias do tagarela. JeffE servia os pratos, os novos ventiladores eléctricos i deslocavam ondas de ar fresco.

- O pequeno adormeceu - disse por fim Henry Macy .

Miss Amelia inspeccionou a face do doentinho, cujo queixo descansava na borda da mesa e de cuja boca escorria saliva ou restos de remédio. Tinha os olhos fechados, com vários mosquitos sossegadamente poisados aos cantos. Miss Amelia pôs-lhe a mão na cabeça e sacudiu-o com força, mas o pequeno não acordou; então, ela levantou-o nos braços, de maneira a não contundir a parte dolorida da perna, e levou-o para o escritório.

Henry seguiu-a. Atrás deles fechou-se a porta.

Naquela noite, o primo Lymon aborrecia-se. Não havia muita animação no café. Henry Ford Grimp e Horace Wells, instalados numa das mesas do centro, estavam com um braço à volta dos ombros um do outro e riam-se de qualquer história de que o corcunda não ouvira o começo e cujo sentido, portanto, Lhe escapava. O luar iluminava a rua poeirenta, e as árvores anãs conservavam-se imóveis, porque a brisa não soprava. O zumbido dos mosquitos era como o eco da noite silenciosa. Algures, uma mulher cantava com voz rouca, mas aquilo não tinha princípio nem fim, eram apenas três notas que se repetiam interminavelmente. O corcunda apoiou-se ao corrimão da varanda, perscrutando a rua deserta, como se esperasse gente.

Ouviram-se passos, e alguém participou:

- Primo Lymon, tem o jantar na mesa.

- Hoje o meu apetite não é grande - respondeu o corcunda, que todo o dia sugara a substância açucarada da tabaqueira. - Sinto amargos de boca.

- Encontrará o que há de melhor na galinha: peito, fígado, coração - insistiu Miss Amelia.

Reentraram juntos no salão e sentaram-se ao lado de Henry Macy. A mesa era a maior de todas, com um ramo de nenúfares numa garrafa de coca-cola. Miss Amelia acabara o tratamento do pequeno e estava satisfeita. Do escritório, através da porta fechada, chegavam uns gemidos de pessoa sonolenta, mas, antes que o padecente se desse conta da operação, tudo se resolvera pelo melhor.

A criança repousava agora, completamente adormecida, no colo do pai, que viera buscá-la.

Henry conservava-se calado. Comeu devagar, servindo-se três vezes menos do que o primo Lymon, que aliás declarara não ter

apetite mas que devorava naco atrás de naco.

Henry olhou para Miss Amelia, como se fosse falar, mas ainda então não disse nada.

Era uma noite típica de sábado. Um casal já velho, vindo do campo, hesitou um momento à entrada do café, de mão dada, até que se decidiu a penetrar. Tinham vivido tanto tempo juntos que pareciam gêmeos. Retiraram-se cedo, e pela meia-noite a maior parte dos consumidores foi-se embora também. Rosser Gline e Merlie Ryan ainda jogavam xadrez, e Stumpy MacPhail parecia conversar consigo mesmo, diante duma garrafa (a mulher não lhe permitia que bebesse em casa). Miss Amelia bocejou, sonolenta, mas o primo Lymon continuou inquieto, e ela não se atrevia a sugerir que fechassem o estabelecimento.

Finalmente, à uma hora da manhã, Henry Macy disse a Miss Amelia, olhando para um canto do tecto:

- Recebi hoje uma carta.

Miss Amelia não se mostrou impressionada, pois recebia por seu turno muitas cartas comerciais, assim como catálogos.

- Uma carta do meu irmão - acrescentou Henry Macy.

O corcunda, que girava pelo salão com as mãos sobre a nuca, parou repentinamente. Presentira qualquer alteração na atmosfera do café. Olhou em volta e esperou.

- Bom proveito lhe faça - disse Miss Amelia, franzindo a testa e apertando o punho direito.

- Está em liberdade condicional. Saiu da penitenciária.

O rosto de Miss Amelia ensombrou-se. Apesar do calor da noite, ela foi percorrida por um arrepio. Stumpy MacPhail e Merlie Ryan afastaram o tabuleiro de xadrez. Reinou um silêncio profundo.

- Quem? - perguntou o primo Lymon, cujas orelhas, grandes e descoradas, pareceram aumentar de volume e tornar-se mais finas. - O quê?

Miss Amelia bateu com uma das mãos na mesa.

- Marvin Macy é um. - A sua voz ficou rouca, e só daí a pouco lhe foi possível acrescentar: - Devia ficar na cadeia o resto da vida.

- O que é que ele fez? - inquiriu o primo Lymon.

Houve uma pausa, porque ninguém sabia ao certo que resposta havia de dar.

- Assaltou três postos de gasolina - elucidou Stumpy MacPhail.

Mas a sua explicação não pareceu completa e deixou uma sensação de que muitos outros crimes tinham ficado por revelar.

O corcunda impacientava-se. Não tolerava ficar à margem fosse do que fosse, mesmo de uma grande calamidade. O nome de Marvin Macy era-lhe desconhecido, mas haviam-lhe espicaçado a curiosidade, tanto mais que ele tinha grande interesse por roubos e delitos de qualquer espécie. Rondando a mesa, murmurava palavras como "liberdade condicional" e "penitenciária". E embora persistisse

no seu interrogatório, nenhum dos presentes ousou falar de Marvin Macy diante de Miss Amelia, no café.

- A carta não acrescentava muito mais prosseguiu Henry. - Ele não explica para onde é que tenciona ir.

- Hum - fez Miss Amelia, cujo rosto se mantinha duro e sombrio.

- Em minha casa não há-de pôr os pés. Repeliu a cadeira e preparou-se para fechar o estabelecimento. A ideia de Marvin Macy pusera-a apreensiva, visto que levou para a cozinha o livro das contas e o guardou em lugar seguro. Henry Macy desapareceu nas trevas da noite, enquanto Henry Ford Grimp e Merlie Ryan se demoraram um instante defronte da varanda. Mais tarde, Merlie Ryan pretendeu (e disse-o sob juramento) que tinha antevisto tudo o que se ia passar; mas os outros não deram atenção às suas afirmações, porque já o conheciam bem. Miss Amelia e o primo Lymon conversaram um momento no salão, e, quando o corcunda se resolveu a recolher ao quarto, ela arranhou-lhe o mosquitoeiro à volta da cama, e esperou até que ele acabasse as suas orações. Em seguida, enfiou a sua comprida camisa de dormir, fumou cachimbo e deitou-se. O sono tardou-lhe muito a chegar.

O Outono foi bom, com excelentes colheitas e preço elevado do tabaco no mercado de Forks Falls. Depois do longo calor estival, esses primeiros dias frescos trouxeram uma doçura clara e luminosa. As virgas-áureas cresciam à beira dos caminhos, as canas-de-açúcar, maduras, exibiam o seu tom arroxeado. Todos os dias vinha o autocarro de Gheehaw buscar as crianças que frequentavam a escola local. Os rapazes caçavam raposas nos pinhais, os cobertores e as colchas de Inverno arejavam nas cordas de enxugar roupa, e as batatas-doces eram envolvidas em palha para resistirem aos rigores da estação próxima. À tarde, subiam das chaminés delicadas colunas de fumo, e no céu de Outono a Lua resplandecia redonda e alaranjada. Nada mais calmo e doce do que as primeiras noites outonais. Às vezes, a horas mortas, quando não soprava vento, ouvia-se na vila o apito do comboio que atravessava Society Gity em direcção ao Norte.

Por esta época do ano, Miss Amelia Evans desenvolvia grande actividade, trabalhando desde o romper ao fim do dia. Instalara um novo condensador no alambique, maior do que o antigo, e, numa semana, destilava álcool suficiente para embriagar a população inteira. A mula velhjá não podia moer mais sorgo. Das peras fazia-se doce de calda, e esperavam-se com impaciência as primeiras geadas para assar três porcos enormes e preparar salsichas e chouriços.

No decurso dessas semanas notou-se uma particularidade em Miss Amelia: ria-se frequentemente, com um riso profundo e estridente, e quando assobiava punha na música uma tonalidade maliciosa. Experimentava constantemente a força dos seus braços, levantando objectos pesados e tacteando com os dedos os rijos bicípites. Certa ocasião sentou-se diante da máquina de escrever e compôs uma história na qual figuravam estrangeiros, armadilhas e milhões de dólares. O primo Ly mon nunca a largava, sempre preso às suas saias, e, quando ela o fitava, o rosto enternecia-se-lhe e a voz arrastava-se meiga nas inflexões do amor.

Até que se sentiram os primeiros gelos. Uma manhã, ao despertar, Miss Amelia viu os vidros das janelas cobertos de alvos contornos e a erva do pátio toda prateada. Acendeu uma grande quantidade de lenha no fogão e saiu para inspeccionar o tempo. O ar estava frio e áspero, o céu, sem nuvens, de um verde-claro. Depressa chegaram outras pessoas, que vinham saber a opinião de Miss Amelia quanto às variações meteorológicas; ela resolveu matar o maior dos porcos, e a notícia espalhou-se no povoado. Assim se fez: o animal foi depois assado inteiro, e do pátio irradiava o odor quente do sangue e o fumo da fogueira, assim como o barulho de passos e o som de vozes. Miss Amelia ia e vinha, dando ordens, e em breve a maior parte do trabalho estava concluído.

Nesse dia, ela precisava de ir a Gheehaw tratar de um negócio, de maneira que, após ter verificado que tudo corria bem, pôs o automóvel em andamento e dispôs-se a partir. Pediu ao primo Ly mon que a acompanhasse, mas ele não queria deixar um espectáculo tão divertido. Isto pareceu perturbar Miss Amelia, porque ela gostava de o ter junto de si e sentia saudades dele quando se ausentava sozinha. Contudo, não insistiu. Antes de ir, pegou num pau e traçou uma área em torno da cova onde assavam o porco, com cerca de sessenta centímetros de circunferência, recomendando-lhe que não saísse dali. Partiu depois do almoço e tencionava estar de volta antes de escurecer.

Não era raro que um camião ou um carro pequeno atravessasse a vila para se dirigir a Gheehaw ou a qualquer lugar próximo. Todos os anos, o cobrador de impostos ia discutir com os ricos da terra, como por exemplo Miss Amelia. E se alguém, como Merlic Ryan, se permitia o luxo de comprar um automóvel a crédito ou de ter um frigorífico eléctrico igual aos que se viam nas montras das lojas de Gheehaw, então comparecia na terra um homem da cidade para dar informações e pedir esclarecimentos indiscretos. Principalmente desde o início das obras na estrada de Forks Falls que a passagem de automóveis já não constituía novidade, e era com frequência que os condutores se detinham para indagar quanto ao caminho, mesmo diante do café de Miss Amelia. Não foi, portanto, nada de extraordinário que nessa tarde parasse aí um camião e dele saltasse um homem, após o que o veículo se pôs imediatamente em marcha.

O homem ficou no meio da rua, a olhar em redor. Era alto, de cabelo castanho ondulado e lânguidos olhos azuis-escuros. Tinha lábios rubros e um vago sorriso desdenhoso, de fanfarrão. Usava camisa encarnada, com cinto de cabedal, e segurava nas mãos dois objectos: uma mala de folha e uma viola. A primeira pessoa a descobri-lo foi o primo Lymon, que ouvira o ruído de um motor e acorrera a investigar. Sem se mostrar inteiramente, o corcunda estendeu a cabeça na esquina da varanda. Ele e o tal homem fitaram-se: não pareceu o olhar de dois desconhecidos que se relanceiam com indiferença, mas antes o de dois criminosos que se reconhecem um ao outro. Em seguida, o da camisa encarnada encolheu os ombros e deu meia volta. O corcunda estava muito pálido e, ao ver o homem afastar-se ao longo da rua, começou a segui-lo, embora a uma distância considerável.

Em breve, a vila inteira sabia que Marvin Macy havia regressado. Marvin foi primeiramente à fábrica, apoiou com ar indolente os cotovelos ao peitoril de uma janela e mirou o interior; ele gostava de ver os outros a trabalhar, como qualquer ocioso nato. Esta aparição desorganizou e paralisou toda a actividade da fábrica. Os tintureiros abandonaram as suas cubas escaldantes, os Gadores e tecelões esqueceram-se das suas máquinas, e até Stumpy MacPhail, que era contramestre, perdeu a tramontana. Marvin continuava a sorrir perversamente, e ao ver o seu irmão Henry não alterou a expressão. Após o exame da fábrica, Marvin dirigiu-se à casa onde fora criado desde pequenino e deixou à porta a mala e a viola. Depois deu uma volta pelo tanque, observou a igreja e as três lojas da rua central e passeou pela terra. O corcunda continuava a segui-lo a uma respeitosa distância, com as mãos nas algibeiras e a cara muito pálida.

Entardecera. O rubro sol invernal descia no poente, onde o céu se misturava de ouro e púrpura. Os andorinhões regressavam aos seus ninhos. Acendiam-se os candeeiros. Aqui e ali cheirava a fumo e à carne de porco assada no pátio do café. Terminado o seu giro pela terra natal, Marvin Macy parou diante do prédio de Miss Amelia e leu a tabuleta que encimava a varanda; e então, sem hesitar, entrou. A sirena da fábrica fez ouvir o seu apito, agudo e isolado, anunciando o fim do turno do dia. Daí a pouco, além de Marvin Macy, encontravam-se no pátio de Miss Amelia homens como Henry Ford Grimp, Merlie Ryan e Stumpy MacPhail, sem contar com as numerosas crianças e os vizinhos que tinham ido espreitar. Não falavam muito. Marvin Macy estava sozinho de um dos lados da fossa, os outros agrupados no lado oposto. O primo Lymon mantinha-se afastado de toda a gente, mas não tirava os olhos de cima de Marvin Macy.

- Então, divertiste-te na cadeia? - perguntou Merlie Ryan, com um riso alvar.

Marvin Macy não respondeu. Tirou do bolso de trás das calças uma navalha, abriu-a lentamente e pôs-se a afiar a lâmina. Merlie Ryan, sem dizer mais nada, foi colocar-se atrás das largas costas de Stumpy MacPhail.

Miss Amelia regressou já de noite. Ouviu-se o ranger do seu carro quando ela ainda vinha longe, depois o estalo da portinhola e um ruído surdo como de alguém subindo com um fardo pelos degraus da varanda. No ar pairava o fumo azulado dos serões de Inverno. Quando ela surgiu no pátio, pela escada das traseiras, o grupo que ali se encontrava não tugiou nem mugiu. Poucas pessoas neste mundo seriam capazes de brincar com Miss Amelia, e ninguém ignorava o ódio

que ela tinha a Marvin Macy. Todos esperavam, pois, os acontecimentos, preparando-se para a ver expulsar o atrevido ou, pelo menos, atirar-lhe à cabeça com o que tivesse à mão. Ao princípio, Miss Amelia não se apercebeu da presença de Marvin, e a sua fisionomia exibiu aquela expressão aliviada e sonhadora que lhe era usual à volta de qualquer passeio.

Deve ter sido ao mesmo tempo que Miss Amelia viu Marvin Macy e o primo Lymon. Olhou de um para o outro, mas não foi no recém-saído da penitenciária que a sua vista se demorou; como toda a gente, ela observou o primo Lymon, o que realmente valia bem a pena.

O corcunda encontrava-se no extremo da fossa, com o rosto iluminado pela claridade mortiça que vinha das brasas. Com o seu talento especial para se fazer notar, imobilizara-se e imprimira às orelhas um movimento extraordinariamente rápido. Semelhante truque, que era na verdade irresistível, servia para obter de Miss Amelia qualquer favor. O corcunda, nesse instante, dirigia a Marvin Macy um sorriso de súplica bastante enternecedor; a princípio, o outro não fez caso, e, quando reparou, foi sem grande satisfação, perguntando com um gesto desdenhoso do polegar:

- O que é que dói a este marreco? Ninguém lhe replicou. E o primo Lymon, vendo a inutilidade dos seus esforços, tentou mais uma diligência: pôs-se a bater com as pálpebras de tal modo que elas se assemelharam a lívidas borboletas encerradas na gaiola das órbitas; ao mesmo tempo, esfregava os pés no chão e volteava as mãos, como que ensaiando uma dança. Na luz lúgubre da noite de Inverno, lembrava um duende dos pântanos. Entre os assistentes, só Marvin Macy se mantinha impassível.

- Está possesso, este cretino? - inquiriu ele.

E, como o silêncio continuasse, avançou para o corcunda e pregou-lhe um soco na cabeça. O desgraçado tombou de costas, mas sentou-se no lugar onde caíra, sempre a olhar para o agressor, e as suas orelhas tiveram uma derradeira palpação.

Cada qual se virou para Miss Amelia, para ver o que esta faria. Quem ousara até aí tocar num cabelo do primo Lymon, embora todos o desejassem fazer? Se Miss Amelia pegasse no machado e cortasse a cabeça de Marvin Macy, ninguém decerto se surpreenderia. Afinal, ela não fez nada disto.

Havia alturas em que Miss Amelia parecia que entrava numa espécie de transe. Ora a causa desses tranSES era geralmente conhecida e compreendida. Miss Amelia era uma excelente curandeira e não experimentava as raízes e outros ingredientes que utilizava no primeiro doente que lhe aparecesse, mas sim na sua própria pessoa. Ingeria uma dose razoável do remédio e durante todo o dia seguinte andava numa roda-viva entre o café e a retrete. Às vezes, tomada de uma cólica brusca e violenta, ficava imóvel, de olhos estranhamente fixos no solo e de mãos crispadas, esforçando-se por adivinhar sobre que órgão actuava a droga e qual a enfermidade que com ela mais provavelmente seria curada. E agora, enquanto fixava o corcunda, o seu rosto apresentava a mesma expressão, tentando localizar o sofrimento interior, se bem que nesse dia ela não tivesse experimentado nenhum remédio novo.



- Que isto te sirva de lição, ó marreco! gritou Marvin Macy.

Henry Macy, irmão daquele, afastou da testa as farripas grisalhas e tossiu nervosamente. Stumpy MacPhail e Merlie Ryan batiam com os pés no chão, as crianças e os pretos conservavam-se imóveis, à volta da cena. Marvin Macy dobrou a navalha que estivera a afiar e saiu do pátio com ar de valentão. As brasas da fossa transformavam-se em cinza leve e cinzenta, as trevas espalhavam-se por toda a parte.

Foi assim que Marvin voltou da penitenciária. Não havia pessoa nenhuma na terra que se alegrasse com tal regresso. A própria senhora Mary Hale - que era uma mulher extremamente bondosa e o tinha criado com muito amor - deixou cair a caçarola das mãos e desatou a chorar. Nada, porém, poderia desconcertar Marvin Macy, que se sentava no degrau da porta e pegava indolentemente na sua viola. Quando o jantar ficava pronto, corria lá para dentro, empurrava as crianças da casa e servia-se dos melhores bocados. Depois de saciado, deitava-se na cama que lhe parecia a melhor e dormia um sono profundo e sem sonhos.

Nessa noite, Miss Amelia não abriu o café.

Trancou cuidadosamente as portas e as janelas, e ninguém a viu; nem ao primo Lyman.

No seu quarto, a lamparina esteve acesa até de manhã.

No dia seguinte, o tempo mudou, inesperadamente. Houve calor. Ainda cedo, já se abafava na vila. O vento trazia o cheiro corrupto dos pântanos e os mosquitos do tanque esverdeado. Era tremendo, pior do que em Agosto, e os efeitos foram desastrosos. Quase toda a gente que tinha um porco imitara Miss Amelia e matara-o na véspera. Ora, com um calor daqueles, que salsichas se podiam fazer? Por toda a parte, dias depois, havia o odor da carne estragada, uma atmosfera de grande desolação. Pior ainda: uma família da estrada de Forks Falls comera porco tostado e morreria inteirinha. Era evidente que o animal estava impróprio para consumo. Não sucederia o mesmo com os outros, abatidos por essa ocasião? O povo debatia-se entre o desejo de saborear lombo de porco e o medo de morrer envenenado. Época de ruína, de confusão!

A causa de tudo isto, Marvin Macy, continuava sem vergonha nenhuma. Viam-no em todos os lados. Durante as horas de trabalho vagueava à volta da fábrica, olhando pelas janelas; aos domingos vestia a sua camisa encarnada e subia e descia a rua, de viola na mão. Conservava-se belo ainda, com o seu cabelo castanho, os lábios vermelhos, os ombros largos e fortes. Mas trazia em si o mal, e de nada lhe serviam os seus bonitos olhos. O mal que o punha à margem da sociedade não resultava apenas dos crimes cometidos, dos assaltos aos postos de gasolina, dos estupros de donzelas. Não. Irradiava dele como coisa secreta e malsã que se lhe houvesse apegado à pele e exalasse o seu fedor. Outro sintoma: nunca suave, nem sequer em Agosto, coisa deveras para considerar.

Achavam-no mais perigoso agora do que antes da sua captura e detenção em Atlanta. Na penitenciária devia ter aprendido a deitar sortes, a influenciar maleficamente... Senão, como se

explicava o sortilégio exercido sobre o corcunda? Desde o instante em que este avistara Marvin Macy, parecia ter ficado possesso. Não o largava nunca, fazia mil tropelias para Lhe chamar a atenção. No entanto, Marvin Macy ou o tratava mal ou lhe testemunhava o seu desdém. Às vezes, o primo Lymon empoleirava-se na balaustrada da varanda, como um pássaro doente nos fios telefônicos, e declamava publicamente o seu desgosto.

- Mas porquê? - interrogava Miss Amelia, contemplando-o com olhos vesgos e de punhos cerrados.

- Oh, Marvin Macy! - exclamava o primo Lymon, cujos lamentos, só ao som deste nome, se intensificavam até ficar em soluços - Ele esteve em Atlanta!

Miss Amelia abanava a cabeça, e o rosto tornava-se-lhe duro e sombrio. Já não tinha paciência para viagens. Os que iam a Atlanta, atravessando oitenta quilómetros de terra só para ver o mar, essa gente inquieta apenas lhe merecia desprezo.

- Ter estado em Atlanta não melhora ninguém.

- Viveu na penitenciária - insistia o corcunda, com o ar desesperado de quem anseia por estar lá.

Quem pode discutir com uma pessoa que tem semelhantes desejos? Na sua perplexidade, Miss Amelia não sabia o que responder,

- Na prisão, primo Lymon? Não é coisa de que ninguém se deva gabar!

Nestas semanas, Miss Amelia sofreu a vigilância apertada dos seus conterrâneos. Andava distraída, como se estivesse a atravessar um dos seus transes. Fosse porque fosse, pusera de parte, após o regresso de Marvin Macy, o fato-macaco que sempre usava, substituindo-o pelo vestido encarnado dos domingos, das cerimónias religiosas e das audiências no tribunal. Conforme o tempo decorria iam-na tomar deliberações que a todos se afiguravam incompreensíveis ou colocar-se numa reserva não menos inexplicável. Porque não proibia ela ao primo Lymon, por exemplo, que acamaradasse com Marvin Macy: Seria tão fácil! O corcunda haveria de se submeter sem recalcitrar, ou então sujeitava-se a ser posto na rua. Miss Amelia parecia, pela primeira vez na sua vida, ter perdido a vontade. Como todas as pessoas que hesitam, fez o que se pode considerar o pior, isto é, tomou ao mesmo tempo várias atitudes, contrárias umas às outras.

O café estava aberto todas as noites, e, quando Marvin Macy entrava com ar de bravata, acompanhado do corcunda, ela não Lhe impedia o acesso; às vezes, até lhe oferecia de beber, com um sorriso contrafeito. Ao mesmo tempo, porém, preparara-lhe uma armadilha terrível nos pântanos, onde o homem encontraria a morte se tivesse caído na emboscada. De outra vez deixou que o primo Lymon o convidasse para o jantar de domingo e tentou fazê-lo cair pelos degraus abaixo. A favor do corcunda iniciou um programa de diversões, como passeios de automóvel a pontos distantes, só para lhe proporcionar um espectáculo, ou o levar a um curso de educação de adultos, ou a um desfile em Forks Falls - ou ainda, murmurava-se, a lugares pouco

recomendáveis.

O frio voltara, reinava definitivamente o Inverno, já era noite antes mesmo de soar a sirena da fábrica. As crianças dormiam vestidas, as mulheres arregaçavam as saias para se aquecerem à lareira. Depois de chover, a lama do caminho transformava-se em sulcos de geada; as velas das casas oscilavam nas vidraças, as árvores apresentavam-se nuas, devastadas. Durante as silenciosas e sombrias noites de Inverno, o café formava o centro confortável da terra, com as suas luzes tão potentes que se viam a quinhentos metros de distância. O fogão enorme, de ferro fundido, sussurrava, estalava, fazia-se rubro a um canto do salão. Miss Amelia arranjara cortinas para as janelas e, a um bufarinheiro que por ali passara, comprara um ramo de rosas de papel que pareciam naturais.

Mas não eram só as decorações, o aconchego, a alegria que recomendavam o café. Havia uma razão mais importante que o tornava tão precioso para a terra. Essa razão relacionava-se com certo orgulho desconhecido até aí dos habitantes. Para compreender tal orgulho nascente lembremo-nos do pouco valor que se dá à vida humana. Há sempre muita gente ligada a uma fábrica, mas é raro que as famílias dela tirem o suficiente para se vestir e alimentar. A vida degenera numa luta confusa para ganhar o necessário, e a confusão origina-se nisto: todas as coisas têm o seu valor e hão-de ser compradas com dinheiro; sabe-se quanto custa um fardo de algodão ou uma quarta de melação. Mas nenhum preço se opõe à existência humana: foi-nos concedida de graça e da mesma forma nos é retirada. Quanto vale? A julgar pelo que nos rodeia, muito pouco, ou talvez nada. Depois de esforços esgotantes e inúteis, experimenta-se no íntimo a sensação de não valer dois caracóis.

Ora o orgulho despertado na terra e provocado pelo café exercia-se sobre toda a gente, até sobre as crianças. Para uma pessoa se instalar ali bastava consumir uma bebida simples, barata. Quase todos o frequentavam, pelo menos uma vez por semana, excepto o reverendo T. M. Willin. Antes de se apresentarem em casa de Miss Amelia, os consumidores lavavam-se e escovavam-se e, à porta, limpavam a sola das botas. E durante as horas que lá estavam cessava o desagradável sentimento de terem tão pouco valor.

O café era especialmente preferido pelos celibatários, pelos infelizes, pelos tuberculosos. (Entre parênteses, digamos que há bons motivos para supor que o primo Ly mon fosse tísico: o brilho dos olhos, a sua insistência, a loquacidade, a tosse. A mínima alusão a isto provocava revolta em Miss Amelia, que todavia lhe punha cataplasmas e lhe administrava remédios. Nesse Inverno, com os dias tão frios, a tosse agravara-se-lhe, os suores tinham sido mais abundantes - o que não impedia de seguir, incessantemente, Marvi Macy por toda a parte.)

Cada manhã, deixava a residência e ia postar-se diante do prédio da senhora Hale, e esperava, esperava... Marvin Macy, como bom preguiçoso, era um grande dorminhoco. O primo Ly mon chamava-o suavemente, com a voz das crianças pacientes que vigiam buracos onde há grilos e aguardam a sua aparição. Com essa mesma voz, triste, aliciante, resig nada, o corcunda chamava por Marvin Mac até que este surgia. Deambulavam pela vila ficavam horas inteiras nos pântanos.

Quanto a Miss Amelia, continuou com o pior dos procedimentos: passava de uma tática a outra. Quando o primo Lymon saía, ela não o chamava, mas ia para o meio da rua e ficava a olhar até o perder de vista. Quase todos os dias, Marvin Macy voltava com o primo Lymon para jantar e comia na mesa de Miss Amelia. Esta abria o frasco de doce de peras, oferecia galinha, presunto, ervilhas milho assado. É verdade que numa ocasião tentou envenená-lo, mas deu-se um engano: trocaram-se os pratos - e foi ela que engoliu a peçonha. Percebeu logo o equívoco e arredou a iguaria suspeita; em seguida reclinou-se na cadeira, tateou o músculo do braço e observou Marvin Macy.

Todas as noites, Marvin Macy ia ao café e escolhia a mesa melhor, a do centro. O primo Lymon servia-lhe uísque, que o outro nunca pagava. Marvin Macy enxotava o corcunda como se fosse um mosquito importuno e, sem mesmo patentear um pouco de gratidão, chegava a bater-lhe com os dedos, gritando:

- Fora daqui, marreco! Esborracho-te a cabeça.

Quando isto acontecia, Miss Amelia dava a volta ao balcão, aproximava-se silenciosamente, com o vestido vermelho a pender-lhe nos joelhos ossudos, e apertava os punhos cheia de cólera. Mas, embora todos esperassem ofegantes, nada se passava de extraordinário. Ainda não tinha soado a hora do combate.

Há uma razão particular para que este Inverno ficasse na memória dos habitantes, que ainda se lhe referem amiúde. Produziu-se um grande acontecimento. Ao levantarem-se, no dia 2 de Janeiro, acharam o mundo modificado. Os pequenos, na sua ignorância, miravam pelas janelas, tão intrigados que chegavam a chorar. Os velhos, procurando nas suas recordações, não encontravam nada que se assemelhasse ao fenómeno. Nevara toda a noite! Durante as horas sombrias em que se dorme caíram flocos atrás de flocos, lentamente, sobre a vila inteira. De manhã, o chão estava coberto de um estranho lençol branco, que abrangia o tecto das casas e os vitrais da igreja. A neve dava ao ambiente um aspecto desolado, sinistro. Perto da fábrica, os prédios dos operários apareceram monstruosos, como que a desabar; a neve, porém, era de uma beleza que ninguém conhecia, alva como a descrevem as pessoas do Norte, e misturava-se de tons de anil e prata. O céu ostentava um acinzentado brilhante. E a embaladora tranqüilidade da neve a tombar. Quando apreciaram eles jamais semelhante quietude?

Cada qual reagiu de forma diferente. Miss Amelia, olhando pela janela, moveu pensativamente os pés descalços e uniu ao pescoço a gola da camisa de noite. Ficou uns instantes nesse recanto do quarto e acabou por fechar as venezianas. Uma vez tudo calafetado, acendeu luzes e sentou-se com solenidade na poltrona, com o milho assado na mão. Não tinha medo da neve, já se sabe, mas sentia-se incapaz de fazer uma ideia imediata do fenómeno; e, quando não apreendia - como quase sempre - o alcance exacto dos acontecimentos, achava preferível alhear-se. Nunca na sua vida caíra neve naquela terra, e ela jamais pensara em semelhante assunto. Reconhecia, no entanto, que o caso merecia ponderação, mas já eram bastantes as suas preocupações para que lhe ligasse importância. Iluminada só com velas, a casa não lhe permitia andar à vontade, e assim, às apalpadelas, foi para as suas ocupações ordinárias. O primo Lymon, ao contrário,

corria pressuroso em estado de extrema agitação. Quando Miss Amelia deu meia volta para tratar do almoço, o corcunda escapuliu-se para a rua.

Marvin Macy procedia como se a neve lhe pertencesse. Declarou que conhecia isso, que vira muita em Atlanta, e, pela maneira como andava na vila, dir-se-ia ser o dono de cada floco que tombava. Franziu o nariz às crianças que punham timidamente a mão fora da porta para agarrar um punhado de neve e prová-la. O pastor Willin saiu açodado, pensando já no modo de fazer menção desse efeito de invernina num dos seus próximos sermões. A maior parte das pessoas aceitava a coisa, humilde e contente, como um milagre; falava-se em voz baixa, abusava-se do "obrigado" e do "se faz favor".

É certo que alguns espíritos fracos se desmoralizaram, recorrendo ao álcool - mas estes não eram numerosos. Para muitos, enfim, foi pretexto de diversão, e já contavam o dinheiro, planeando ir à noite ao café.

O primo Lymon acompanhou Marvin Macy todo o dia, apoiando as pretensões deste quanto aos seus direitos sobre a neve. Admirava-se que ela não caísse como a chuva e ficava a olhar, sonhador, para a revoada dos flocos, de tal modo que sentiu vertigens. E orgulhava-se de si mesmo, compartilhando da glória de Marvin Macy tanto ou tão pouco que houve quem lhe bradasse:

- Oh! - disse a mosca às rodas da carroça, quanta poeira levantamos!

Miss Amelia não tencionava servir jantares. Mas quando, às seis horas, ouviu som de passos debaixo da varanda, foi abrir com precaução. Era Henry Ford Grimp. Embora não houvesse comida feita, permitiu-lhe que se sentasse e bebesse qualquer coisa. Chegaram outros. A noite estava azulada, áspera; já não caía neve, mas o vento soprava da banda dos pinhais, formando leves turbilhões no solo. O primo Lymon apareceu muito tarde, com Marvin Macy, que trazia a mala de folha e a viola.

- Vais viajar? - perguntou Miss Amelia. Primeiramente, Marvin Macy aqueceu-se defronte do fogão. Depois tomou lugar à mesa do costume e começou a afiar cuidadosamente um pauzinho. Esfuracou um dente e tirou o palito da boca várias vezes, para o limpar na manga do casaco. Não se deu ao trabalho de responder.

O corcunda olhou para a prima, que se encontrava atrás do balcão. O rosto dele não tinha nada de suplicante, parecia o de uma pessoa muito segura de si. Cruzou as mãos sobre as costas e apurou o ouvido. As orelhas haviam-se-lhe avermelhado, os olhos brilhavam. O fato estava molhado.

- O Marvin - declarou Lymon - vem para ficar connosco, por poucas horas.

Miss Amelia não protestou. Limitou-se a dar a volta ao balcão e a aproximar-se do lume, como se aquela notícia a tivesse arrefecido. Quando se punha diante do fogão, não era discretamente,

como a maior parte das mulheres, que apenas levantam as saias dois centímetros, ou pouco mais. Nela não havia nenhum recato, e até se diria esquecer-se da presença dos homens no salão. Para se aquecer ergueu tão alto o vestido encarnado que ficou bastante visível uma parte da coxa peluda.

Voltou a cabeça para um lado e principiou a falar consigo mesma, mexendo a cabeça e enrugando a testa. Embora indistintas, as palavras saíam-lhe num tom de acusação, de censura. Entretanto, o corcunda e Marvin Macy subiram ao andar de cima, à saleta das duas máquinas de costura e até ao quarto em que Miss Amelia vivera toda a sua vida. Do café, ouviam-nos andar cá e lá, ruidosamente, desfazendo a mala e tratando da instalação do hóspede.

Foi assim que Marvin Macy invadiu os domínios de Miss Amelia. Ao princípio, o primo Lyman, que cedera o seu próprio quarto, dormiu no sofá da sala. Mas a neve tivera um efeito pernicioso na sua constituição débil; constipou-se, da constipação resultou amigdalite, e a prima viu-se obrigada a ceder-lhe o seu aposento. Ora o sofá era muito curto para ela, os pés ficavam-lhe de fora, e várias vezes Miss Amelia caiu no chão. A falta de repouso obscurecia-lhe o engenho, de modo que veio a sofrer as consequências das armadilhas que preparara para Marvin Macy. Contudo, não o expulsava, porque temia a solidão. Quem já experimentou companhia sente horror em ficar sozinho. O silêncio de um quarto em que arde o lume no fogão, quando o relógio pára de repente... sim, mais vale receber o seu pior inimigo do que ter de enfrentar a hipótese de viver só.

A neve não continuou. Veio um sol forte, e dois dias depois a vila tornava-se no que fora antes. Só então é que Miss Amelia reabriu o estabelecimento. Fez nessa altura grandes limpezas na casa, expondo tudo ao ar. Ao chegar ao pátio, a primeira coisa em que se ocupou foi em amarrar uma corda ao ramo mais grosso de uma árvore. Na extremidade dessa corda suspendeu um saco cheio de areia, e, desse dia em diante, exercitou-se todas as manhãs a jogar ao soco. Se bem que de outra maneira, prejudicava-a a falta de ligeireza nos pés, de modo que compensava o defeito com toda a espécie de golpes desleais.

Miss Amelia era dois centímetros e meio mais alta do que Marvin Macy. Quanto ao peso, equivaliam-se, tendo ambos à volta de setenta e dois quilos e meio. Marvin Macy possuía a vantagem da agilidade e rijeza do peito. Aparentemente, a vitória pendia a seu favor, mas o caso é que toda a gente apostava em Miss Amelia. A vila inteira recordava-se do combate entre ela e um advogado de Forks Falls que tentara fazer chicana - rapagão sólido que Miss Amelia deixara quase morto.

Não seria apenas a sua perícia no pugilismo o que impressionava o público; ela sabia também desmoralizar o antagonista com horríveis caretas e gritos medonhos, que chegavam a afligir a assistência. Enfim, confiava-se no seu triunfo. O encontro, todavia, ainda não fora marcado, embora andassem adiantados os preparativos.

Entretanto, o corcunda pavoneava-se, com uma expressão resplandecente. Por forma inteligente e subtil, puxava os cordelinhos que deviam levar os dois inimigos ao combate. Quase nunca

largava Marvin Macy, mas às vezes seguia Miss Amelia para lhe contrafazer o andar, os olhos estrábicos, os gestos. O espectáculo tinha qualquer coisa de terrível que impedia os fregueses de se rirem; só Marvin Macy esboçava um sorriso ao canto da boca. E Miss Amelia via-se dilacerada por dois sentimentos diversos. Ora olhava para o primo Lymon com ar triste, reprovador, ora se virava para o antigo marido de dentes cerrados.

- Infame! - bradava ela, colérica. Marvin Macy limitava-se a pegar na viola, que estava no chão, encostada à cadeira. Cantava com voz húmida, viscosa, porque tinha sempre a boca cheia de saliva. As árias que entoava saíam-Lhe da garganta como enguias.

Os dedos fortes punham a vibrar as cordas do instrumento com habilidade preciosa, e tudo o que ele dizia era exasperante e lúbrico. Miss Amelia não o podia suportar.

- Infame! - tornava a exclamar. Mas o homem tinha resposta para tudo. Abafava o som da viola e replicava com insolência tranquila:

- Tudo o que me disseres recairá sobre ti. Miss Amelia não sabia o que dizer, pois ninguém jamais teve meio de escapar a semelhante ardil. As injúrias que proferisse recaíam sobre a sua pessoa. Marvin Macy era o mais forte, ela nada tinha a objectar.

Eis a situação. O que se passou entre aqueles três entes nessa noite ficou para sempre ignorado. Nos dias seguintes, porém, o café registou novas enchentes. Foi preciso arranjar mais uma mesa. Até certo louco chamado Rainer Smith, por alcunha o Eremita, acorreu do seu retiro nos pântanos quando lhe constou o que se passava. Viram-no à janela, espreitando para o salão iluminado, com aspecto inquiridor. A comoção atingia o auge quando Marvin Macy e Miss Amelia, em atitude bélica, inchavam o peito e se fulminavam com olhares rancorosos. Em geral, este paroxismo não se produzia após qualquer discussão, mas parecia vir misteriosamente de algum instinto particular dos dois contendores. Em tais ocasiões, o café ficava tão sossegado que se podia ouvir o sussurro da corrente de ar no ramo das rosas de papel. E de cada vez a sessão se prolongava mais do que na véspera.

O combate verificou-se no dia da Candelária, 2 de Fevereiro. O tempo estava propício, sem chuva nem sol, com temperatura amena. Por vários sintomas, compreendeu-se que chegara a oportunidade, e, pelas dez horas, espalhou-se a notícia em toda a região. De manhã cedo, Miss Amelia cortou a corda do saco de areia. Marvin Macy sentou-se no patamar das traseiras, com uma lata de banha de porco entre os joelhos, e untou cuidadosamente os braços e as pernas. Voara por cima da vila um falcão de peito ensanguentado, o qual deu duas voltas sobre a propriedade de Miss Amelia. Retiraram as mesas do café, esvaziando-se assim a sala para o combate.

Coincidiam, pois, todos os sintomas. Miss Amelia e Marvin Macy comeram cada um quatro bifes mal passados ao almoço e depois deitaram-se, para armazenarem forças. Marvin Macy descansou na saleta do andar superior, Miss Amelia no banco do escritório. Pela sua palidez, inferia-se como era grande o seu tormento por estar inactiva, mas a verdade é que manteve a

imobilidade de um cadáver, com os olhos fechados e as mãos cruzadas no peito.

Foi um dia agitado para o primo Lymon. A excitação crispava-lhe e retesava-lhe a cara. Abasteceu-se de sanduíches e saiu para inspeccionar o tempo; quando voltou, disse que lhe parecia estar mau. Todavia, como os adversários continuavam em repouso, resolveu pintar a varanda da frente. Há já muitos anos que o prédio não recebia beneficiações, e sabe Deus se alguma vez as tivera. O primo Lymon pintou metade do soalho da varanda de um verde muito brilhante. Não era trabalho fácil, e ele sujou-se todo. Sem terminar a primeira tarefa, prosseguiu nas paredes, tão alto quanto pôde, acabando por se empoleirar num caixote. Quando se acabou a tinta, parte do chão estava verde, assim como as paredes, em desenhos denteados. E aquilo assim ficou.

Mostrava pela sua obra uma satisfação pueril. E, a este propósito, mencione-se um facto curioso. Ninguém na terra, nem sequer

Miss Amelia, tinha a mais pequena ideia quanto à idade do corcunda. Alguns afirmavam que ele chegara ali com doze anos, ainda criança, outros diziam que já passava então dos quarenta. Embora os seus olhos fossem infantis, azuis e firmes, tinham à volta sombras roxas e várias rugas, o que revelava a idade que o corpo deformado não podia indicar. Os próprios dentes não esclareciam nada - só Lhe faltavam dois, que partira ao trincar uma amêndoa inteira -, porque o abuso de guloseimas os estragara de tal forma que não se percebia a que denteição pertenciam. Se lhe perguntassem directamente quantos anos tinha, era incapaz de responder, pois ignorava-o em absoluto. A sua idade constituía pois um enigma.

O primo Lymon acabou de pintar às cinco e meia da tarde. O tempo arrefecera, havia no ar um cheiro de humidade. Do lado dos pinheiros soprava vento, que sacudia as venezianas e arrastava jornais velhos pela estrada até ficarem presos numa árvore de tronco espinhoso. Os trabalhadores regressavam do campo. Passavam camionetas carregadas de crianças, que espreitavam pelas janelas, e carroças puxadas por mulas velhas que se diria sorrirem com ar cansado e triste, de olhos semicerrados. De Society Gity chegaram três pequenos, de camisa de riscas amarelas e boné sobre a nuca, tão parecidos como se fossem gémeos; iam sempre juntos aos combates de galos e a outras reuniões semelhantes. Às seis horas, a sirena da fábrica anunciou o fim do dia de trabalho, e a multidão aumentou. É claro que entre os recém-chegados figuravam indivíduos de mau aspecto, tipos desconhecidos - mas, mesmo entre esses, a calma era perfeita. Reinava o silêncio na vila, os rostos surgiam estranhos na claridade crepuscular. Por instantes, o céu tornou-se de ouro pálido, em que se recortavam as torres da igreja; depois desvaneceu-se lentamente, e a escuridão começou a avassalar tudo.

Sete é um número mágico, pelo qual Miss Amelia tinha particular predilecção. Sete bochechos contra os soluços, sete voltas ao tanque para curar o torcicolo, sete doses de xarope para destruir os vermes... As doses dos seus remédios giravam sempre em torno deste algarismo; ele permitia muitas combinações, e todos quantos adoravam a magia lhe atribuíam grande importância. De maneira que o combate se devia realizar às sete horas. Toda a gente se reuniu, com antecedência, em redor da casa de Miss Amelia. Os mais espertos entraram no café e



encostaram-se às paredes da sala. Outros invadiram a varanda ou tomaram lugar no pátio.

Nem Miss Amelia nem Marvin Macy se tinham ainda mostrado ao público. Miss Amelia, depois de haver estado todo o dia a repousar no escritório, subira por fim ao primeiro andar. O primo Lymon, que a cada minuto roçava pelas pessoas, à altura do cotovelo, metia-se por aqui e por ali, dando estalos nervosos com os dedos e pestanejando fortemente. Às sete menos um minuto esgueirou-se para o café e subiu ao balcão. A ordem era absoluta.

Deviam ter combinado previamente qualquer coisa, porque ao bater das sete horas Miss Amelia apareceu no alto da escada. No mesmo instante, Marvin Macy surgiu diante da fachada do café, e o povo, silencioso, abriu alas para o deixar passar. Avançaram um para o outro sem pressa, já de punhos cerrados e o olhar vago dos sonâmbulos. Miss Amelia mudara de fato: em vez do vestido encarnado envergava agora o fato-macaco, com as calças arregaçadas até aos joelhos. Estava descalça e trazia uma argola de ferro em torno do pulso direito. Marvin Macy também enrolara as calças; nu até à cintura, apresentava o corpo coberto de graxa. As botas pesadas que calçava eram as que lhe haviam dado quando saíra da penitenciária. Stumpy MacPhail destacou-se do meio da assistência e foi apalpar-lhe as algibeiras, para ver se ele tinha qualquer punhal ou faca.

Ei-los sozinhos no centro do café brilhantemente iluminado. Não houve sinal de início do combate; os golpes partiram de um e de outro ao mesmo tempo, ambos dirigindo-se ao queixo do adversário, sem grande precisão. Feito isto, limitaram-se por momentos a um jogo de pés no soalho duro, experimentando diversas posições e brandindo os punhos em vão. Depois, como dois gatos-bravos, agrediram-se mutuamente. Distinguia-se o ruído dos murros, a respiração ofegante, os pés calcando o chão - tão rápidos que era difícil segui-los. A certa altura, Miss Amelia recuou, cambaleando, e esteve quase a cair; de outra vez foi Marvin Macy que recebeu tal pancada no ombro que girou como um pião. A luta prosseguia sem que diminuisse a violência, sem que qualquer dos contendores desse mostras de fraqueza.

Num combate como este, em que se opõem inimigos tão vigorosos e ágeis, vale a pena desviar a vista do ringue para relancear os espectadores. Estes encontravam-se encostados o mais possível às paredes. Stumpy MacPhail estava acororado num canto e apertava inconscientemente as mãos, soltando estranhos grunhidos. Merlie Ryan tinha a boca de tal maneira aberta que engoliu uma mosca sem dar por isso. Quanto ao primo Lymon, valia a pena observá-lo: continuava de pé em cima do balcão, desfrutando assim do lugar mais alto, com as mãos nos quadris, a grande cabeça espetada para a frente e as pequenas pernas dobradas; devido à excitação, tinha o rosto corado e a boca pálida a tremer.

Só talvez ao cabo de meia hora é que se operou uma pequena mudança. Havia sido trocados, inutilmente, centenas de murros. De súbito, porém, Marvin Macy conseguiu apoderar-se do braço esquerdo de Miss Amelia e imobilizar-lho atrás das costas. Ela debateu-se e agarrou-se à cintura dele. A verdadeira luta tinha agora começado. A luta livre é que é a maneira natural de lutar neste país, porque o boxe é muito rápido e exige muita tática e concentração. E agora que Miss Amelia e Marvin Macy se apertavam a valer, a multidão saiu do seu torpor e aproximou-se

da pista. Durante alguns minutos, os lutadores agarraram-se bem, músculo contra músculo, com as ancas unidas, oscilando para trás e para diante, para um lado e para o outro. Macy não transpirava muito

mas o fato-macaco de Miss Amelia estava encharcado, o suor escorria-lhe a tal ponto pelas pernas abaixo que os pés deixavam marcas húmidas no soalho. O grande teste tinha chegado, e nesses momentos de esforço tremendo era Miss Amelia quem se mostrava mais forte. Marvin Macy era difícil de segurar, por ter o corpo untado de gordura, mas contudo não levava a melhor. A pouco e pouco, Miss Amelia foi-o derrubando até o fazer tocar no chão. Era arrepiante presenciar, mas era também impressionante ouvir as respirações ofegantes, únicos sons que se ouviam no café. Por fim, Miss Amelia tinha-o por terra e dominava-o; as suas grandes e poderosas mãos não lhe largavam o pescoço.

Ora, nesse instante, precisamente quando a luta se decidia, soou um grito horrível que fez tudo estremecer e ninguém soube o que se passou. A vila inteira estava ali para testemunhar e no entanto muitos duvidarão dos seus próprios olhos. Do balcão onde se empoleirara, a uma distância de quase quatro metros dos lutadores, o corcunda conseguiu dar um salto e voar, como se ganhasse asas de falcão, caindo nas costas de Miss Amelia e metendo-lhe na espessa nuca as suas unhas afiadas.

O resto foi confusão. Miss Amelia ficou derrotada ainda antes de a assistência se recompor da sua estupefacção. Graças ao corcunda, a vitória cabia a Marvin Macy. Enquanto Miss Amelia estava estendida, imóvel, de braços abertos, Marvin Macy curvou-se, com a cara um pouco tumefacta, e sorriu - o seu meio sorriso trocista. Quanto ao primo Lymon desaparecera. Talvez se tivesse assustado com o que fizera, ou talvez tivesse ficado tão satisfeito que quisesse gozar sozinho a glória da proeza; fosse como fosse, saiu do café e escondeu-se no patamar das traseiras. Deitaram água no rosto da mulher vencida, que depois se ergueu e se arrastou até ao escritório. Como não fechara a porta, podiam vê-la sentada à secretária, com a cabeça no braço, soluçando. Em dada ocasião apertou o punho direito e bateu três vezes no tampo da mesa; depois a mão descerrou-se e permaneceu inerte, com a palma para cima. Stumpy MacPhail avançou uns passos e encostou a porta. A multidão conservou-se sossegada e a pouco e pouco dispersou-se na rua. Acordaram as mulas, puseram os automóveis em andamento, e os três rapazinhos de Society Gity voltaram a pé para casa. Não fora um combate que se pudesse discutir. As pessoas meteram-se nas suas camas e puxaram a roupa até ao pescoço. Toda a vila mergulhou na escuridão, excepto o prédio de Miss Amelia onde as janelas ficaram iluminadas até de manhã.

Marvin Macy e o primo Lymon deviam ter partido antes da madrugada. Mas, antes de se irem embora, eis o que fizeram:

- forçaram a papelreira das curiosidades e tesouros e levaram tudo o que ali existia;
- quebraram o piano mecânico -
- gravaram nomes feios nas mesas do café;

- descobriram o relógio que, sob uma das capas, tinha a pintura de uma queda de água, e levaram-no também;
- espalharam quatro litros e meio de xarope de sorgo na cozinha e rebentaram os frascos de conservas;
- foram aos pântanos e destruíram o alambique e o novo condensador e deitaram fogo ao telheiro;
- prepararam o prato predilecto de Miss Amelia (milho com salsichas), juntaram-lhe veneno suficiente para matar a população da vila e colocaram-no, apetitosamente, em cima do balcão.

Procederam ainda a outras maldades, sem todavia entrarem no escritório, onde Miss Amelia passou a noite. E em seguida fugiram ambos.

Foi assim que Miss Amelia ficou sozinha na vila. Os seus conterrâneos poderiam valer-Lhe se soubessem como, pois ali as pessoas são prestáveis e só esperam oportunidade para isso. Várias comadres se apresentaram em casa dela, munidas de vassouras, prontas a varrer e a limpar; mas Miss Amelia limitou-se a observá-las com olhos vesgos e a abanar a cabeça. Stumpy MacPhail foi comprar uma onça de tabaco, ao terceiro dia, e a dona da loja pediu-lhe um dólar. Tudo subiu, repentinamente, a um dólar. Que espécie de café era aquele, então? Também no seu papel de curandeira Miss Amelia se modificou; antes era até mais popular do que o médico de Gheehaw, tratava bem os doentes, nunca lhes interditava coisas imprescindíveis, como álcool ou tabaco; quando proibia qualquer comida, era por exemplo melancia frita ou algo que ninguém se lembraria de ingerir. Agora já não usava destes conselhos prudentes. Dizia a metade dos seus doentes que estavam prestes a morrer, e à outra metade receitava remédios tão extraordinários e repugnantes que só um doido seria capaz de os ingerir.

Miss Amelia deixou de cuidar do seu cabelo, que em alguns sítios começava a branquear. A cara alongara-se-lhe, os músculos enfraqueceram-se-lhe, e ela caiu na magreza das solteironas que propendem para a loucura. E os seus olhos pardaços, que de dia para dia mais tortos se mostravam, pareciam procurar-se um ao outro, talvez para trocarem um olhar de tristeza e entendimento. Não era agradável escutá-la: a língua de Miss Amelia destilava gotas de peçonha.

Quando alguém aludia ao corcunda, ela apenas respondia:

- Se lhe ponho as mãos em cima, arranco-lhe a moela para a dar a um gato.

Não só as palavras eram terríveis, era-o também a voz com que as proferia. Essa voz perdera o vigor antigo, já não vibrava com um timbre de vingança como no tempo em que dizia "o tal da fição com quem casei", ou equivalentes referências a outros dos seus inimigos. Estava agora rouca, melancólica, semelhante ao gemido asmático de um órgão de igreja.

Durante três anos, ela sentou-se todas as noites num degrau da varanda, sozinha e calada, olhando para a rua e esperando. Mas o corcunda nunca voltou. Constava que Marvin Macy se servia dele

para escalar propriedades, introduzindo-se nelas e saqueando-as; outros contavam que o vendera a uns salimbancos. Mas estas histórias eram inventadas por Merlie Ryan. Jamais se soube a verdade a respeito do primo Lymon. Foi no quarto ano que Miss Amelia mandou entaipar a casa, trabalho confiado a um carpinteiro de Gheehaw. E ali permaneceu sozinha.

Na verdade, a vila parece desolada. Nas tardes de Agosto, a rua está deserta, branca de poeira, e o céu tem um brilho de cristal. Nada se mexe, não se ouvem vozes de crianças, apenas o zumbido da fábrica. As árvores, em cada Verão, parecem mais contorcidas, com as folhas cinzentas, de aspecto doentio. A casa de Miss Amelia está tão inclinada para a direita que a sua ruína é só uma questão de tempo. Os transeuntes tomam a precaução de se afastarem o mais possível. Não existe na vila um sítio onde se vendam boas bebidas alcoólicas.

O alambique mais próximo fica a cerca de treze quilómetros de distância, e o produto é de tal ordem que origina excrescências no fígado a quem o consumir. Nada se pode fazer naquele ermo, além de dar a volta à fábrica, estacar diante de um tronco apodrecido ou contemplar uma roda de carroça abandonada no adro da igreja. A alma apodrece também no meio daquele tédio. Contudo, quem quiser que vá até à estrada de Forks Falls e oiça os condenados a trabalhos forçados, com as suas grilhetas, cantando "Os Doze Homens Mortais..."

NA estrada de Forks Falls é a cinco quilómetros de distância da vila, e é aí que trabalham realmente os presos. As autoridades administrativas resolveram consertar a estrada de macadame e alargá-la num local onde havia uma curva perigosa. O grupo compõe-se de uma dúzia de homens, todos com a farda da cadeia e de grilheta nos pés. Há um guarda, armado, de olhos vigilantes. Os presos trabalham todo o dia; chegam ao nascer do Sol dentro de um carro celular, e partem ao anoitecer. Continuamente se ouve o barulho das picaretas e se sente o calor e o cheiro do suor. Mas também se ouve música. Uma voz soturna entoa baixinho uma nota, como que a dar o tom; e logo outra se lhe junta; e daí a pouco estão todos a cantar. Vozes sombrias na intensa luz dourada, música estranhamente misturada de trevas e clarões. Aquilo avoluma-se, já custa a acreditar que emane de doze homens, pois dá a impressão de sair da terra inteira ou de descer do vasto céu; faz alargar o coração do auditor, causa-lhe estremecimentos de frio e de êxtase. Depois, lentamente, esmorece, e fica apenas uma voz isolada, e por fim um som rouco e, no silêncio, o rumor das picaretas.

E que espécie de condenados a trabalhos forçados são estes, capazes de emitirem uma música assim? Só doze homens mortais, sete pretos e cinco brancos, oriundos da região. Só doze homens mortais, ali reunidos na estrada.

## O Autor e a Obra

Carson McGullers, escritora norte-americana, nasceu a 19 de Fevereiro de 1917, em Columbus, na Gérgia. Apaixonada pela música, vocação que iria marcar o seu estilo de escrita, abandonou o Sul aos dezassete anos e partiu para Nova Iorque levada pelo desejo de se converter em pianista clássica e de estudar na Universidade. Aos vinte e três anos publicou o seu primeiro livro, *Coração, Solitário Caçador*, que viria a ter um êxito imediato. Esta obra, de surpreendente maturidade, revela uma temática que iria ser característica de todos os seus livros: o paradoxo do amor e o isolamento espiritual de todo o ser humano. Em 1941, publicou o seu segundo romance: *Reflexões Nuns Olhos de Ouro*, escrito em dois meses e, em 1946, *The Member of the Wedding*, adaptado ao cinema e ao teatro. Em 1951, é editado o livro *Balada do Café Triste* e dez anos mais tarde *Relógio sem Ponteiros*.

Quando acabou a guerra foi para França onde se casou com um oficial norte-americano e pouco a pouco foi-se afundando no alcoolismo. De regresso aos Estados Unidos instalou-se em Nyack, Nova Iorque, e isolou-se do mundo. Morreu a 29 de Setembro de 1967, depois de dez anos de imobilização por paralisia.

Carson McGullers, que Graham Greene preferiu, pela sua sensibilidade poética e clareza de escrita, a Faulkner e a D. H. Lawrence, é considerada um dos nomes mais impressionantes da literatura norte-americana.